

ILUSTRAÇÃO

N.º 311—13.º ano



ISABEL DE PORTUGAL, MULHER DE CARLOS V

(Quadro de Ticiano. — Museu do Prado)

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica**, é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre**, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tóda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA

EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

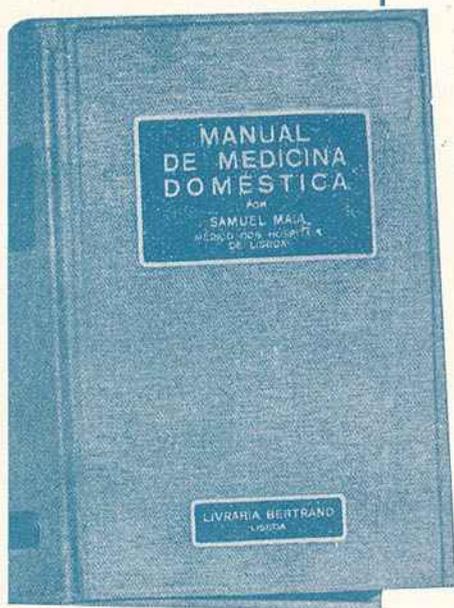
E assim, quando na ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência, ou na sua falta, como no interior e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA**, nele se encontrarão todos os conselhos, tódas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75



**GRAVADORES
IMPRESSORES**

Bertrand, Irmãos, L.^{da}

Telefone 2 1368

Travessa da Condessa do Rio, 27
LISBOA

ILUSTRAÇÃO

Director: ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — Lisboa

Administração: Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada).....	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada).....	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias.....	—	64\$50	129\$00
(Registada).....	—	69\$00	138\$00
Brasil.....	—	67\$00	134\$00
(Registada).....	—	91\$00	182\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada).....	—	99\$00	198\$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

**A MAIS BELA REVISTA FEMININA QUE SE PUBLICA
TÔDAS AS SEMANAS**

MARIE-CLAIRE

Leitura captivante e educadora — Aspecto interessante e atraente — Sumários variados e tentadores

Páginas magníficas sobre: **Família e Arte de Viver — Beleza e Higiene — Modas — A Casa, O Lar, O Jardim — Alimentação — Movimentos, ginástica**

ROMANCES — NOVELAS — CARTAS

NUMEROSAS GRAVURAS A PRETO E A CÔRES

FIGURINOS E MODELOS das mais simples às mais luxuosas «toilettes», chapéus, penteados, etc.

**O MAIS BELO E APRECIADO REPOSITÓRIO
DOS CUIDADOS DA MULHER MODERNA**

Cada número de 60 páginas, com uma artística capa a côres, **Esc. 3\$00**

DISTRIBUIDORES PARA PORTUGAL

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podés acalmar as vossas dores com o

ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a **GÔTA**, a **SCIÁTICA**
OS **REUMATISMOS**
Agudos ou Chronicos

e todas as dores de origem artritica
Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez
da sua acção.

À venda em todas as Pharmácias
Produits BÉJEAN - Paris



PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074



**Elasticidade
significa bem estar**

Cabeça clara e certeza de golpe dão a vitória, tanto no jogo como na vida. Não hesite — livre-se de dores pela



Cafiaspirina
O PRODUTO DE CONFIANÇA

ACABA DE APARECER

Indispensável a Juizes e Delegados do Procurador da República, Notários, Funcionários policiaes, Conservadores do Registo Civil, Câmaras Municipais (serviços notariaes), Estabelecimentos prisionais, Estudantes de Direito, de Medicina Legal e de Antropologia, etc.

DACTILOSCOPIA

(Identificação — Polícia Científica)

PELO DR. LUÍS DE PINA

Professor da Faculdade de Medicina. Director do Instituto de Criminologia e do Arquivo de Identificação, Secção do Porto.

A primeira obra, no género, em Portugal

Obra que versa tôdas as matérias respeitantes ao assunto, profusamente documentada com gravuras, tabelas, diagramas e estatísticas

Índice completo da legislação respeitante à identificação Civil e Criminal, à Dactiloscopia, à Polícia científica, etc.

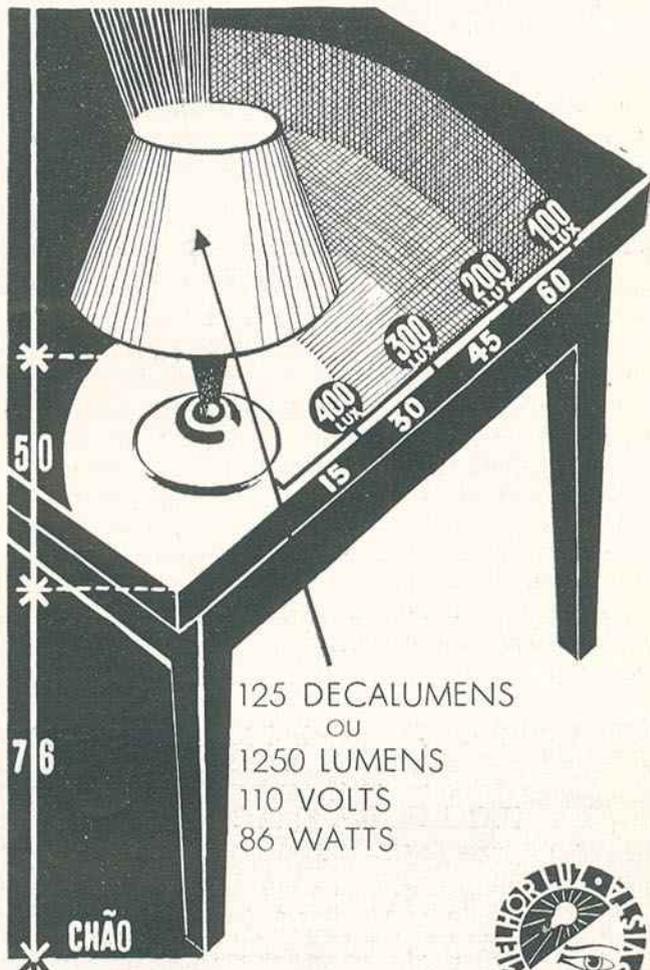
Completas indicações bibliográficas portuguesas e estrangeiras

1 vol. de 318 pág., formato 24 x 16 1/2, com desenhos do autor, 30\$00; pelo correio à cobrança, 33\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 - LISBOA

PARA TER UMA ILUMINAÇÃO CONVENIENTE ESTUDE A POTÊNCIA DA LAMPADA QUE LHE SERÁ NECESSÁRIA



125 DECALUMENS
OU
1250 LUMENS
110 VOLTS
86 WATTS



COMISSÃO LUMINOTÉCNICA PORTUGUESA

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 53, 1.º — Telef. 23997



É uso ensinarem às crianças que a Monarquia Portuguesa se dividiu em quatro dinastias, uma das quais, composta por três monarcas estrangeiros, se chamou «Filipina». E daí fazerem decorar aos inocentes petizes os nomes de Felipe I, o *Prudente*; Felipe II, o *Pio*, e Felipe III, o *Grande*. No fim de contas, houve apenas três dinastias, a de Afonso Henriques, a do Mestre de Aviz e a do duque de Bragança.

A aceitarmos como monarcas legítimos, os três Felipes que nos tiranizaram durante sessenta anos, a França deveria aceitar como seu soberano de facto o imperador Guilherme I da Alemanha que teve à sua mercê os franceses durante o tempo que Bismark entendeu conservar-se em Paris.

A derrota de Sedan representou para os franceses o mesmo que a batalha de Alcântara representou para nós. Bismark fez as vezes de duque de Alba. Se a

vam mortas, mas tão somente adormecidas.

Para que induzir as crianças a reconhecer os tais Felipes como soberanos de Portugal?

Houve, sim, três Felipes que foram reis de Espanha e se introduziram na nossa Pátria como salteadores de

A DINASTIA DOS FELIPES EM PORTUGAL

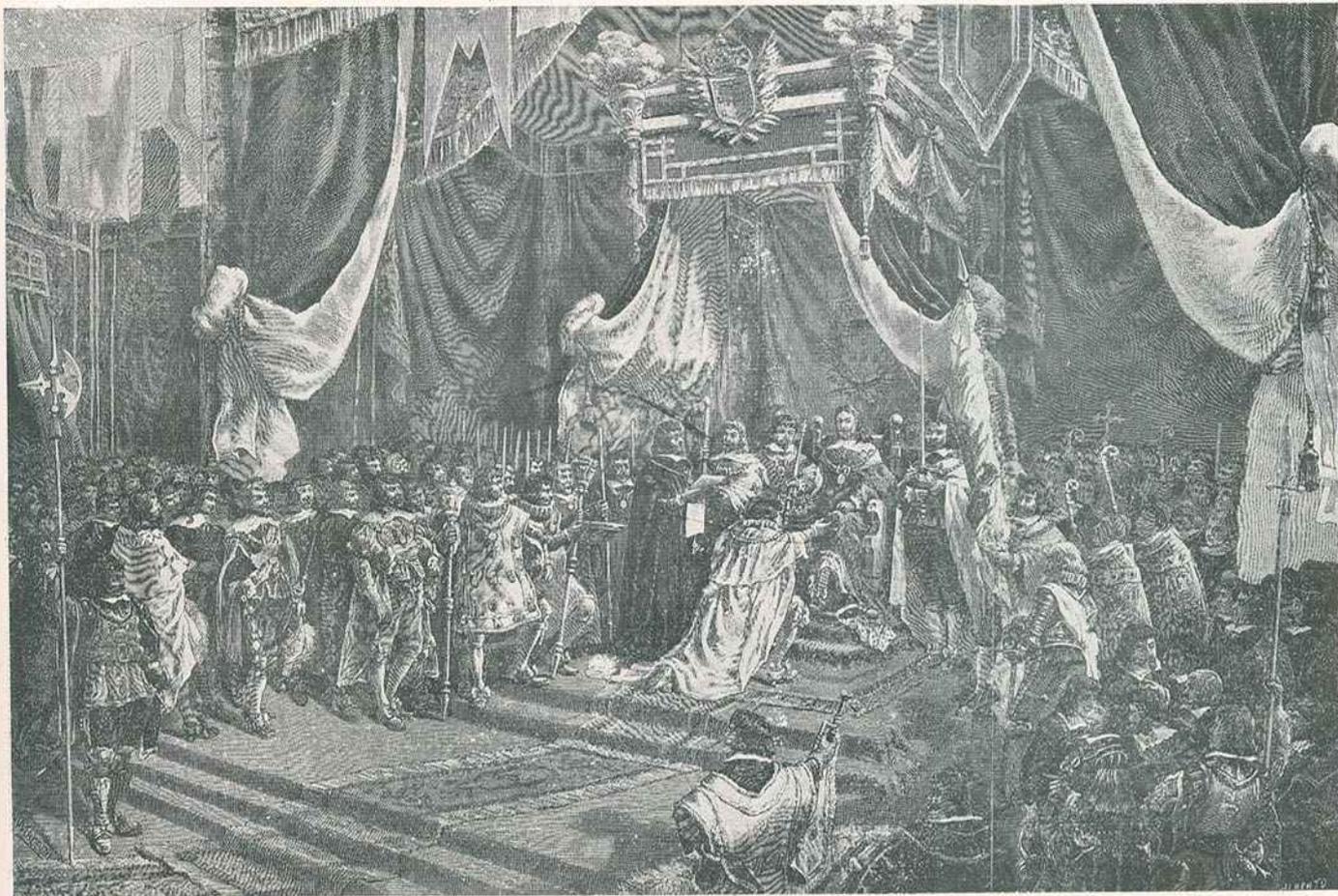
França pagou a pesada dívida de guerra, fazendo um esforço gigantesco que ficou memorável, Portugal só sessenta anos depois conseguiu saldar dívida idêntica. Simplesmente, a França serviu-se do ouro que corrompe os vencedores, ao passo que Portugal escorraçou os invasores a pontapés, mostrando-lhes que as energias da Raça tão eloqüentemente demonstradas em Aljubarrota, não esta-

estrada, quando o nosso glorioso exército sucumbira nos areais de Alcacer-Kibir.

Foram Felipe II, o *Prudente*, Felipe III, o *Pio* e Felipe IV, o *Grande*. E não se esqueçam do que, a propósito deste último, disse um espirituoso vasalo castelhano, aludindo à pretensão de grandeza que *el-rey* manifestava após a restauração de Portugal:

—O nosso soberano é como um poço: torna-se grande à medida que lhe tiram a terra!

Aclamação de D. João IV



NOTAS DA QUINZENA



O sr. Presidente da República tendo à direita o professor Charles Lepierre e à esquerda o sr. ministro da Educação Nacional no espectáculo do S. Luiz com que foi inaugurada a Semana Internacional contra o Cancro. — *A' direita*: Lord Lloyd of Dolobran na sua visita à Liga dos Combatentes da Grande Guerra.



O sr. Cardinal Patriarca presidindo à reunião anual dos prelados, efectuada no Seminário dos Olivais. Foi resada uma missa com a assistência do sr. Cardinal e de todos os prelados que tomaram parte na reunião, cujos trabalhos tiveram carácter privado.



Um trecho da assistência, depois de descerrados os retratos do Chefe do Estado e do Presidente do Conselho no posto dentário inaugurado na Junta de Freguesia do Bonfim, no Pôrto. — *A' direita*: O sr. governador civil de Setúbal lançando a primeira pedra do bairro novo na Caparica.

VIDA ELEGANTE



Casamento da sr.^a D. Maria Rodriga Montenegro Cardoso com o sr. Adolfo Fialho Pires — Foto Cabral

No Palácio Fronteira

Na tarde de quinta-feira 10 de Novembro passado, ofereceram os srs. Condes da Torre, na sua residência Palácio Fronteira, a S. Domingos de Benfica uma magnífica festa, que de certo ficará para sempre gravada a letras de ouro nos anais mundanos, não só pelo extraordinário brilhantismo que ela revestiu como sobre tudo pelas pessoas que a ela assistiram.

Os vastos salões do Palácio Fronteira, onde em tempos idos, se reunia a Corte Portuguesa, viveram nessa tarde, horas de um enorme prazer espiritual para o que muito concorreu, a solene assistência, em que se via tudo quanto de melhor conta a nossa aristocracia «vieille roche».

Pelas 18 horas, foi servido no salão de mesa do Palácio Fronteira, cuja magnificência, brilhava nessa tarde, pelo grande esplendor que a festa revestiu, um esplêndido «chá», cuja ementa ficará para sempre, era simplesmente deliciosa, vincando bem que em Portugal, se cultiva bem a arte culinária.

O aspecto dos salões do Palácio Fronteira, nessa tarde, que de certo ficará memorável nos anais mundanos, não só pelas figuras que ali se encontravam, como também pelo brilhantismo dos vestidos das senhoras, onde se notavam verdadeiras maravilhas dos nossos ateliêres.

A festa de quinta-feira 10 de Novembro, no Palácio Fronteira, foi completamente diferente das que estamos habituados a assistir, por vários motivos, mas sobre tudo pela sua frequência, em que se notavam além das principais famílias da nossa aristocracia, tudo que de melhor se conta no meio literário e artístico.

Os srs. Condes da Torre, sua nora a sr.^a D. Maria Fernandes Costa de Mascarenhas e seu filho D. Fernando, tiveram ocasião de mais uma vez pôr em destaque as suas fidalgas qualidades de carácter, prodigalizando aos seus numerosos convidados, uma festa verdadeiramente encantadora, e que de certo tão cédo se não repetirá, infelizmente.

Foi pena que o tempo não permitisse que ela se efectuasse nos sumptuosos jardins do Palácio Fronteira, pois não sem dúvida alguma os mais belos da capital.

Casamentos

Realizou-se na igreja dos Anjos o casamento da sr.^a D. Maria Rodriga Montenegro Cardoso com o sr. Adolfo Fialho Pires, tendo servido de madrinhas as sr.^{as} D. Eunice de Serpa Pinto e D. Maria da Glória Montenegro Gonçalves, e de

padrinhos os srs. D. Francisco António Melo Breyner, Dr. Ramada Curto e Augusto José Seras.

Os noivos, a quem foram oferecidas muitas prendas, partiram para o norte do País em viagem de núpcias.

Em Cascais, celebrou-se na paróquia de Nossa Senhora da Assunção, com grande brilhantismo, o casamento da sr.^a D. Júlia Gonçalves Vilar, gentil filha da sr.^a D. Felícia Gonçalves Vilar, e do nosso amigo sr. Armando Vilar, illustre director do Casino Estoril, com o distinto engenheiro sr. Victor Jacinto da Costa, filho da sr.^a D. Ernestina da Costa e do também distinto engenheiro sr. Jaime Jacinto da Costa.

Foram madrinhas a tia materna da noiva sr.^a D. Ema das Dores Pereira Vilar Gomes e a mãe do noivo, e de padrinhos o tio paterno da noiva sr. Albino Emílio Fernandes Gomes, e o pai do noivo. Presidiu ao acto o prior da freguesia, reverendo Moisés da Silva, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Terminada a cerimónia, durante a qual a orquestra do Casino Estoril, executou no côro, vários trechos de música-sacra, foi servido na elegante residência em Cascais dos pais da noiva, um finíssimo lanche. Os noivos a quem foram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas, seguiram para o norte, onde foram passar a lua de mel.

Na assistência à cerimónia viam-se as sr.^{as}:

D. Maria Manuela Cabral de Vilhena de Sousa, D. Josefa Montenegro Vieira da Rocha, D. Lidia Martins Arealas Braga, D. Suzana Amélia Pereira Cardoso, D. Felismina Canas Cardim, D. Maria da Nazaré Soeiro Gomes Xavier, D. Tomásia Gomes Ereira, D. Maria José Gonçalves Vilar, D. Maria Pia Serpa Soeiro da Fonseca e Costa Ribeiro Soares Fernandes de Sousa, D. Laura Lopes Vilar, D. Maria Carlota Nunes Ereira, D. Matilde Maria da Mota Moreira, D. Maria Luísa Marinho do Cruz Cardim, D. Lidia Gomes Vilar Nunes, D. Esperança Cardim Bastos, D. Maria da Saúde Bastos Vilar de Sousa, D. Alda de Araújo Nascimento Dias, D. Maria Manuela Florêncio Ferreira Bazalusa, D. Natália Júlia Gomes Gonçalves Vilar, D. Joana Canas da Mota, D. Matilde Quintanilha, D. Natércia da Mota de Magalhães, D. Maria e D. Beatriz da Silva Mendes, D. Maria Amélia Oliveira Baptista e D. Maria de Lourdes Canas.

E os srs.:

Engenheiro Eugénio Meleiro de Sousa, capitão de mar e guerra Felipe Trajano Vieira da Rocha, Vergílio Soares, António Borges, dr. Augusto Tamagnini, Guilherme Cardim, dr. Fernando Pereira de Sequeira, Jorge de Vasconcelos Nunes, Miguel António Romeira Fazenda, José Nunes Ereira, dr. António Luiz Neves da Costa, João Gomes Vilar, dr. Luiz Bravo da Mata, capitão Alexandre Fernandes de Sousa, Arthur Vilar, tenente Marçal Celorico Moreira, Joaquim Nunes Ereira, capitão Rui da Silva Mendes, Manuel António da Cruz, Artur Augusto dos Santos, António Alves Braga, Joaquim Canas Cardim, João Manuel Vasques Nunes, Carlos Alberto Reynolds de Sousa Azevedo, João Silvério da Silva Bastos, Acácio José Vilar Fernandes Gomes, Luis Guilherme Cardim Bastos, Oscar Fragoso Camara e Costa, D. João de Melo, António Carmona e Costa, Eurico José Gonçalves Vilar, Carlos Pereira Dias, dr. João da Cruz, António da Mota, José Júlio Oliveira Baptista, Sebastião José Ferreira Pinto Leite de Magalhães e Hermano Braga.

— Com grande brilhantismo, celebrou-se na paróquia das Mercês, o casamento da sr.^a D. Maria Helena Diogo da Silva Teixeira, interessante filha da sr.^a D. Maria Luíza Diogo da Silva Teixeira e do distinto clínico capitão médico sr. dr. Pedro de Meireles de Albuquerque Teixeira com o distinto engenheiro sr. Sebastião Gil de Borja e Meneses Beltrão, filho da sr.^a D. Maria de Jesus Gil de Borja e Meneses Beltrão, e do coronel de engenharia sr. Luis Teixeira Beltrão. Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Elisa Diogo da Silva dos Reis Torgal e D. Alice Teixeira Marques, respectivamente tia-avó e prima da noiva, e de padrinhos o pai e o tio materno do noivo sr. Sebastião Gil de Borja e Meneses. Ao acto presidiu Sua Excelência Reverendíssima o sr. arcebispo de Mitilene, que antes da missa que foi rezada pelo prior da freguesia, reverendo Augusto Marques Soares, pronunciou uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Finda a cerimónia religiosa, durante a qual o sr. Mateus Mocho Gomes da Silva, cantou magistralmente vários trechos de música sacra, acompanhado por um terceto sob a direcção do

ilustre professor sr. Eduardo Libório, composto de violino, violoncelo e órgão, respectivamente a cargo dos notáveis professores srs. Manuel Lima, Esteves e Manaças, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche. Os noivos a quem foram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas, partiram para a Casa de Portel, Alentejo, propriedade dos pais do noivo, onde foram passar a lua de mel.

Na assistência à cerimónia recorda-nos ter visto entre outras as seguintes sr.^{as}:

D. Lúcia Cancela Infante de Lacerda Monteiro, condessa de Santar, condessa da Lapa e filhas, viscondessa de Taveiro e filha, D. Berta Ortigão Ramos, D. Feleiana Ortigão Burnay, D. Maria de Jesus Gil de Borja de Macedo e Meneses Beltrão, D. Maria Quitéria Gil de Borja de Macedo e Meneses de Melo, D. Maria Portocarrero Guedes de Almeida Coutinho, D. Elisa D'ogo da Silva dos Reis Torgal e filha, D. Albertina Diogo da Silva Teixeira e filha, D. Maria Berta Ramos de Castelo Branco, D. Albertina da Camara Rodrigues, D. Maria Isabel Ortigão Ramos Jorge e filha, D. Maria do Carmo Soares de Albergaria Burnay, D. Maria Quitéria de Velez Andresen, D. Branca Moreira de Seabra, D. Maria Isabel de Sousa Rego de Campos Henriques, D. Maria Isabel de Avilez de Sousa Kego, D. Alice Teixeira Marques e filhas, D. Carlota Centeno Gorjão Henriques, D. Liza Deslandes Blanch, D. Elvira Diogo da Silva, D. Maria Natália Maravilhas Missa, D. Maria Leonor Teixeira de Magalhães Mexia, D. Vera Ferreira Pinto Ribeiro da Cunha, D. Eugénia de Moura Borges, D. Maria Isabel Ortigão Burnay de Almeida Belo e filha, D. Mary Torres Beltrão, D. Margarida Mendes de Almeida Belo Ramos, senhora de Pons, D. Eduarda de Vellez Andresen, D. Maria Virgínia de Seabra, D. Maud Cohen Feveireiro, D. Maria da Conceição Van-Zeller de Borja de Macedo e Meneses, D. Carlota Pottler, D. Maria José de Castelo Branco Parreira, D. Nally Ayres de Ma-alhães, D. Emília de Melo Osório (Proença e Vêlha), D. Alice Cancela Infante de La Cerda, D. Maria da Conceição Gomes, D. Lilly Bensaude, D. Isabel de Lima Mayer Ayres, D. Maria Helena Correia, «mesdemoiselles» Leveque, Nomliere, Huile;

E os srs.

Arcebispo de Mitilene, conde de Santar, Conde da Lapa, Visconde de Taveiro, D. António José de Melo Santar, D. Sebastião Gil de Borja e Meneses, D. José Gil de Borja de Macedo e Meneses, coronel de engenharia Luis Teixeira Beltrão, dr. Ricardo Jorge (filho), dr. Kenric Missa, dr. Pedro Madeira Pin, dr. António Potier, dr. Alvaro dos Reis Torgal, dr. Alvaro de Seabra, dr. Carlos Calheiros Cruz, Carlos Blanch, Alberto de Sousa Rêgo, José Ribeiro da Cunha, reverendo Honorato Monteiro, capitão José Gil de Borja de Macedo e Meneses Beltrão, Joaquim Teixeira Beltrão, Francisco Heredia, Guilherme Otero Salgado, Armando da Câmara Rodrigues, José Luis Feveireiro, Duarte Mendes de Almeida Belo, Raúl Ernída Parreira, Alexandre e José Pinto Basto Ribeiro da Cunha, Vasco Bensaude, José Duarte Ramos Jorge, José Ramos de Castelo Branco, reverendo Marques Soares, Joaquim Gomes, reverendo Sousa, Francis Boyle, reverendo Varzim, António Brederode Amorim, C. Pons, Manuel Teixeira etc.

— Na capela de Nossa Senhora do Resgate, aos Anjos, celebrou-se o casamento da sr.^a Natália Simões Barbosa de Oliveira, gentil filha da sr.^a D. Mariana de Jesus Simões Barbosa de Oliveira e do sr. Delfim Barbosa de Oliveira, com o sr. António Marques Junior, filho da sr.^a D. Júlia da Silva Marques e do sr. António Marques. Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Francine Jenny Garde e D. Palmira de Jesus Bento de Oliveira, e de padrinhos os srs. Jean Louis Garde e Izidoro Sampaio de Oliveira. Presidiu ao acto o reverendo capelão Luis Alves Martins, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche. Os noivos receberam um grande número de artísticas e valiosas prendas.

Nascimentos

— Teve o seu bom sucesso, a sr.^a D. Leonor Matos de Ornelas Gomes, esposa do sr. Fernando de Ornelas Gomes. Mãe e filho estão de perfeita saúde.

— Teve o seu bom sucesso, a sr.^a Marquesa de Mira Flores y de Pontejos, assistida pelo distinto cirurgião sr. dr. D. Pedro da Cunha (Olhão). Mãe e filha estão de perfeita saúde.

— Assistida pelo distinto cirurgião sr. dr. Costa Félix, teve o seu bom sucesso, na Maternidade dr. Alfredo da Costa, a sr.^a D. Antónia Allière Raura, esposa do sr. D. Henrique Raura. Mãe e filho estão de perfeita saúde.

D. NUNO.

ACTUALIDADES DA QUINZENA



Algumas das personalidades eminentes que assistiram à sessão inaugural do Instituto Britânico no salão nobre da Academia das Ciências. Foram proferidos discursos pelo prof. George West, director do Instituto; prof. dr. Celestino da Costa, Lord Lloyd of Dolobran, Sir Walford Selby, embaixador da Grã-Bretanha, e ministro da Educação Nacional.



A nova direcção da Associação Académica com os srs. drs. Caeiro da Mata e Rui Ulrich, na Faculdade de Direito de Lisboa. — A comissão de estudos do Congresso de Ciências Coloniais que foi empossada pelo eminente escritor português sr. dr. Júlio Dantas.



As alunas do Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho que constituem o curso de graduadas da «Mocidade Portuguesa Feminina». Este curso funciona sob a orientação superior da sr.^a dr.^a Maria Guardioli. As disciplinas teóricas são: Poericultura, Formação Nacionalista, Economia Doméstica, Formação Moral e Religiosa — tudo, em suma, que possa contribuir para o fim a atingir a perfeita formação da mulher.

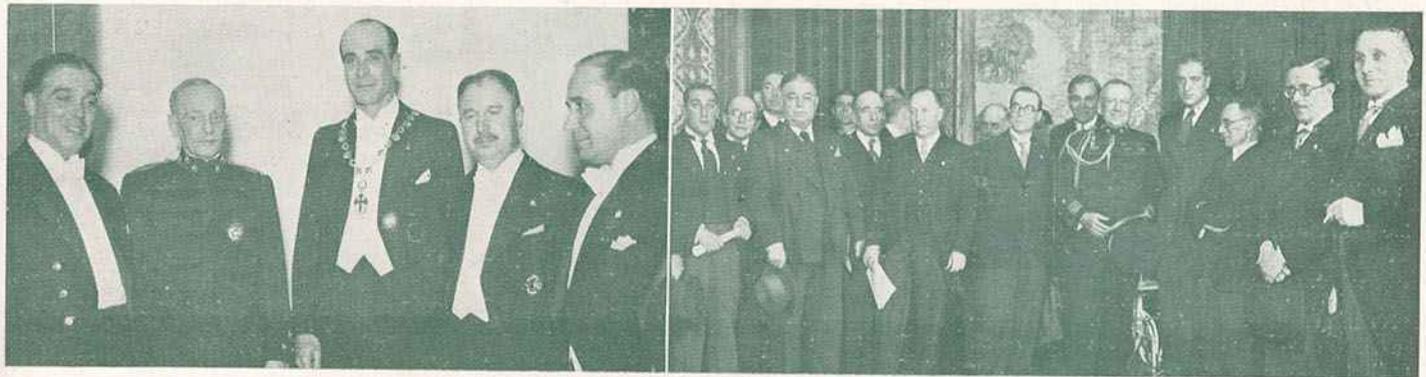
NOTÍCIAS DA QUINZENA



A fachada do Palácio da Assembleia Nacional vistosamente iluminada por projectores potentes colocados em vários prédios das proximidades. — *A' direita*: O capitão de mar e guerra Francisco Rebelo, novo comandante das forças navais do Tejo, passando revista à guarnição da fragata "D. Fernando," por ocasião da sua investidura. Em seguida, o novo comandante percorreu tôdas as dependências do navio, as quais lhe deixaram a melhor impressão



O sr. general Schiappa de Azevedo com os oficiais do comando da 1.^a Região Militar que lhe renderam homenagem. Este ilustre oficial abandonou, por ter atingido o limite de idade, a efectividade do comando da 1.^a Região Militar, passando à reserva, após ter exercido durante alguns anos com invulgar prestígio e acendrado patriotismo aquele alto cargo do nosso Exército



O maestro Pedro de Freitas Branco com os srs. Presidente da República e ministros das Obras Públicas e Educação Nacional por ocasião do concerto de homenagem ao ilustre maestro. — *A' direita*: O sr. general Amílcar Mota, representante do Chefe do Estado com alguns dos congressistas na sessão inaugural do I Congresso Médico dos Acidentes de Trabalho



A multidão árabe invadindo os bairros judeus

HÁ dois anos que o terror corre à solta na Palestina.

Desde o mês de Abril de 1936, época em que a facção árabe do partido nacionalista e extremista encetou o uso da violência contra ingleses e judeus, tem-se dado uma série ininterrupta de assassinios políticos e de destruição de propriedades. A-pesar-de que para a Palestina foram enviadas tropas da Índia em 1936 e de outros pontos do Império Britânico assim como peritos na arte de sufocar revoltas, essas forças que atingem quasi as proporções de uma divisão, ainda não conseguiram impor a ordem nem restabelecer o prestígio britânico.

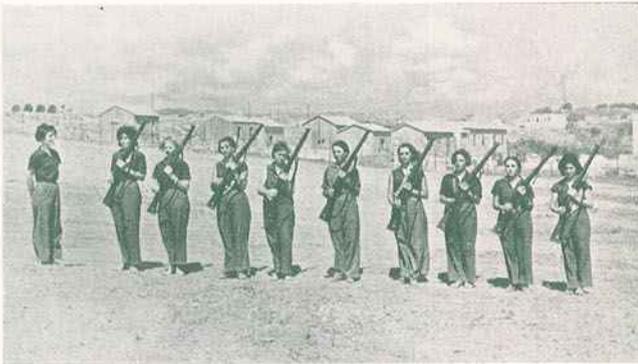
Esta vaga de terror é o resultado de uma vasta conjura, cujos chefes residem fora da Palestina, onde gozam de completa imunidade, a-pesar-de serem conhecidos das autoridades respectivas.

Durante o ano de 1937, os agentes da junta, a que aqueles chefes presidem,

cometeram 197 assassinios entre os quais figuram oficiais e soldados das tropas inglesas, colonos judeus, árabes cristãos e muitos árabes de religião muçulmana em desacordo com os terroristas.

O Chefe da insurreição é o antigo mufti de Jerusalem, Amin El Husseini o qual, assim como muitos dos seus companheiros palestinos, sírios e kurdos, tomou parte na insurreição dos *druzos* em 1925, contra o domínio francês.

Constituem estes a comissão executiva que transmite as ordens do mufti que



Mulheres judias preparadas para a luta

actualmente vive em El-Zouk, perto de Beirut, a vários agentes encarregados de propaganda e recruta de novos aderentes ao movimento, de passar contrabando de armas e de proceder a ataques à mão armada.

Este comité reúne com regularidade em um dos bairros de Damasco, donde emanam minuciosas instruções, com destino aos bandos terroristas, que operam na Palestina. Vários objectivos estimulam o espírito de Amin El Husseini: pre-

O REGIME DO TERROR NO CORAÇÃO DA PALESTINA

tede levantar o mundo árabe contra a autoridade da Grã Bretanha; impedir a criação de um Estado judaico ou outra qualquer solução pacifica do problema palestino e consequentemente espalhar por todo o mundo mahometano a fama do seu nome como "Defensor da Fé".

os terroristas. Os caminhos entre a Síria e a Palestina são fáceis de transpôr, por falta de policiamento, e os grupos partidários de Amin El Husseini entram e saem diariamente, sem que ninguém os incomode. Podem fazê-lo sem perigo, nem dificuldade e nunca é preso algum do bando. Contudo, a passagem ao longo dos terrenos do Líbano é considerada como mais prática e preferível porque por esse caminho alcançam directamente as colinas que circundam Safed, donde partem a maior parte das incursões no norte da Palestina.

Os dois objectos mais necessários aos bandos de terroristas são, sem dúvida, munições e armas, que chegam ao seu



A policia judaica

poder por meio de duas comissões dependentes da junta central. Estas duas comissões procedem separadamente e, cada uma tem a sua missão: uma compra munições na República do Líbano, na Síria, na Turquia e em outros países e a outra encarrega-se de expedir as munições para determinados pontos.

Um desses pontos está situado em Damasco, no bairro Maidan, na parte mais fanática da cidade. A expedição, desde esses depósitos até a Palestina, onde entram em contrabando, é obra fácil para os terroristas, realizada especialmente pelas estradas da Síria, porque a policia assíria protege-os, assim como também gozam da protecção dos agentes aduaneiros. Apesar do contrabando de armas e munições ter assumido consideráveis proporções durante os últimos dois anos, nunca até hoje se efectuou a prisão dum contrabandista de armas. As autoridades na República do Líbano são mais rigorosas, ou menos simpatizantes ou ainda menos venais do que os seus colegas sírios, porque já foram confiscadas várias remessas de armas em território libanense.

Muitas das armas usadas pelos terroristas na Palestina são de um modelo alemão antigo, que os kurdos usaram nas

suas sublevações e de que se desejam ver livres por qualquer preço; há também espingardas e cargas de fabrico inglês. As armas modernas tais como metralhadoras e espingardas automáticas e as munições competentes procedem da Europa por mar e desembarcam em segredo em determinados pontos das costas da Síria e da Palestina.

Das aldeias a oriente do rio Jordão também se expedem muitas armas com destino aos insurrectos. Muitas das bombas de que os terroristas fazem uso amiudadas vezes são na sua maioria fabricadas na Palestina, mas da Síria também elles recebem quantidade.

Causa estranheza que, depois de dois anos de ataques intensos à mão armada, que não podem deixar de ser atribuídos à passagem de armas e terroristas pelas fronteiras da Palestina, ainda não se tenham estabelecido postos aduaneiros suficientes e policiamento das fronteiras.

Os postos em existência actualmente são poucos e fracos mas o que mais agrava a situação é que, muitas vezes, tanto os guardas sírios como os palestinienses, que todos são árabes, se encontram a sôdo dos terroristas a quem elles protegem e escondem em caso de perigo, dando-lhes informações sobre se o caminho para a Palestina se encontra livre ou não. Se os terroristas se vêem perseguidos pela tropas britânicas regressam à Transjordânia ou à Síria, cujas fronteiras estão sempre livres para elles.

O ex-mufti conhece bem o valor moderno da propaganda e já conseguiu realizar um dos seus intentos, espalhando por todo o Próximo Oriente uma rede de organizações encarregadas de dissimular a publicidade favorável à sua causa.

Desde a sua fuga de Jerusalem, o mufti tem gozado da protecção, mal disfarçada, das autoridades francesas, o que lhe tem permitido de abusar impunemente do direito de asilo.

A sua luta intensa contra o governo da Palestina constituiu um verdadeiro perigo para a paz no Próximo Oriente.

Tantos os interesses franceses com ingleses, neste centro do mundo árabe, estão ameaçados pelos manejos bélicos de El Amin.

O ex-mufti foi nomeado mufti de Jerusalem por Sir Herbert Samuel, que foi o primeiro alto comissário nomeado pelo governo britânico para o representar na Palestina. Ao tempo da sua nomeação Amin El Husseini estava cumprindo, numa prisão de Jerusalem, a pena que



Destacamentos árabes vigiando o deserto

lhe havia sido imposta pelos tribunais árabes, por assassinio. Sir Herbert que conhecia a energia de Amin e os seus sentimentos contra o estabelecimento do Lar Nacional Judaico na Palestina, encontrou nele um auxiliar valioso na sua acção favorável aos árabes e contrária aos judeus porque Sir Herbert, apesar de judeu, por razões psicológicas várias entravou sempre a acção judaica na Palestina. Nos círculos oficiais do judaísmo Sir Herbert é considerado como o judeu que maiores obstáculos tem oposto à causa dos seus irmãos. Não é admissível que num território colocado sob a protecção do governo francês encontrem abrigo os instigadores de crimes e a França cedendo às solicitações urgentes da Grã-Bretanha está tomando disposições na Síria e na República do Líbano, para reprimir aqueles abusos.

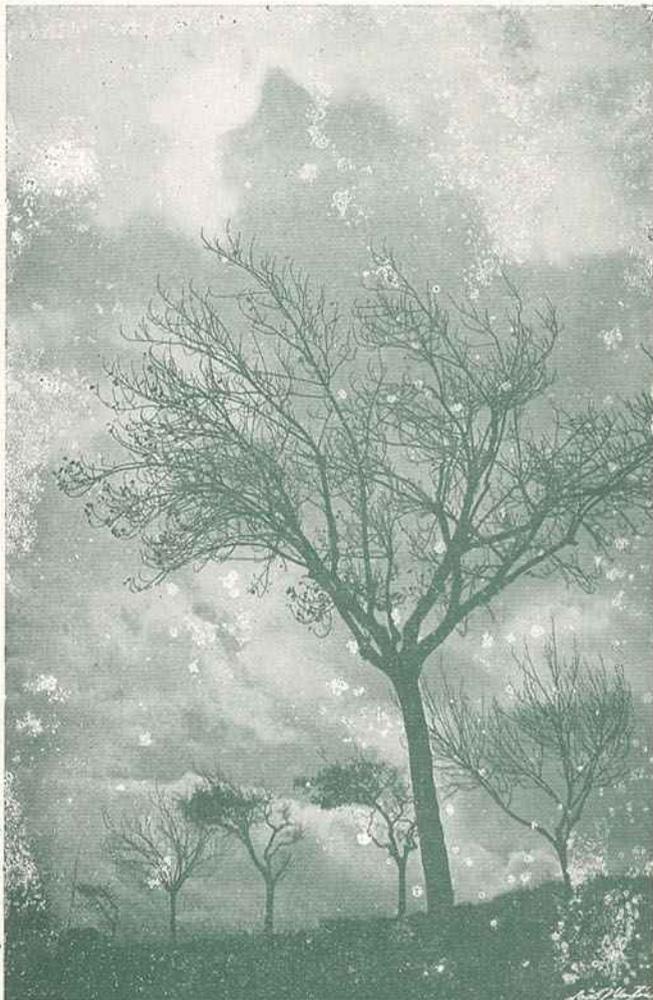
ADOLFO BENARUS.



Jerusalém



Dibares inteiros de judeus em Jaffa e Haifa incendiadas pelos árabes



SOL DE OUTONO...

ente amado mais do que lhe dá, o amor que não pode suportar-se muito tempo de seguida, que nos faz pensar em fontes cantantes que nos refresquem os lábios ardidos dos beijos em braza, e nos faz sonhar com a sombra de árvores copadas, onde repousemos os nervos cansados das vibrações que os sacerdotes desapiedadamente.

Sol de verão! Luz que encandeia a vista, calor que calcina as folhas das árvores, que murcha as flores na haste, é tal qual esse amor estival dos corações, abrazador e esgotante:

*Luz que queima e não
[aquece
E cega a quem a fitar!*

É este amor que vem alegrar-nos a alma com o seu sorriso doce e terno, muito mais duradouro do que o gargarhar dos amores fugazes da idade mûça, que logo se cala, e quantas vezes se muda em pranto.

A paisagem do verão é tûda em cûres vivas, deslumbra-nos mas não nos enternece.

Os olhos encontram nela motivo para gûdio e prazer mas a nossa alma não a sente, nem com ela se delicia.

A paisagem do verão tem as claridades vivas que deslumbra. Os olhos podem estar perto das flores, que não as conseguem admirar em tûda a sua beleza. É como que entrar numa loucura desenfreada que entontece e anestesia.

É tudo muito cru, muito detalhado, muito acessível, como um corpo despido, que através dum veu seria mais belo ainda, com as suas linhas indecisas e a sua cûr esfumada, tudo apenas adivinhado e pressentido.

O outono é para a natureza esse veu que amacia a sua beleza, que dulcifica o seu esplendor e a chega mais aos corações.



Essa mesma tristeza dum árvore que vai perdendo a sua verde roupagem sumptuosa e que daí a pouco levantará para o céu os seus galhos nûs, essa mesma tristeza nos encanta e nos comove, pelas suaves tonalidades de tal quadro.

O outono na natureza e o outono nas almas, paisagens que se irmanam pelas afinidades de tom e de sentimento...

Como Augusto Gil pintou, comovidamente, esta semelhança:

*Outono. Morre o dia.
Cai sûbre as coisas plácidas e calmas
Um véu de sombra e de melancolia
Que dulcifica e embrandece as almas.*

*Todo o meu ser se invade
De enervantes e místicas doçuras,
De mansidão, de paz, de suavidade,
De sentimentos bons, de ideias puras.*

Sol de outono, que tantos poetas inspiraste, irmão gêmeo dêsse outro sol que nos aquece a alma sem queimá-la — o amor doce e brando, bûlsamo cicatrizante de antigas chagas — és tu o sol que eu saúdo e quero!

MERCEDES BLASCO

NO verão há dias luminosos e quentes, quando o sol dardeja sûbre nós o lume dos seus raios dourados.

A natureza tûda se regosija, com a opulência dos seus frutos e o perfume estonteante das suas flores.

Assim são as almas, em plena mocidade, cheias de luz, pujantes da seiva da ambição, que neste caso é ideal e glória.

Assim se queimam, às vezes, no próprio fogo se não sabem temperá-lo com o divino néctar do amor, como o sol queima e incendeia as charnecas sêcas por onde não corre um fio de água.

Porque a mocidade é egoísta, não se lembra dos dias futuros, vive ensimesmada, no seu anseio de prazeres, alegrias e divertimentos, e não pensa mais além, quando o sol dos vinte anos começar a descer para o ocaso das desilusões.



O amor dessa idade é fascinante, no seu esplendor, tal qual o sol dos dias estivais, mas como êle o seu calor queima e não consola, é um calor que irrita a epiderme e seca o coração, e doi como uma ferida aberta.

É o amor tirano, cruel, exigindo do

Paisagem de outono. O ar morno, dêce e suave, as árvores e as flores tocadas dum ligeira tinta de saudade, tudo embrulhado numa luz que parece coada pelos vitrais dum templo.

O sol, como que fatigado da sua actividade anterior, manda à terra irradiações mais esbatidas e que aquecem pela persistência da sua acção sempre igual.

“Mieux vaut douceur que violence”, diz um ditado francês.

E é verdade. Mais vale uma dêce insistência do que meios violentos.

É por isso que o sol de outono nos aquece, sem nos molestar e sem que nos enervemos.



No coração de quem já esgotou o verão da vida, também o amor é assim uma espécie de sol outonal, brilhando por vezes intensamente mas com um fundo sempre constante de luminosidade tépida e carinhosa como carícia vinda dum alma sã e sincera.

É este amor o que marca com mais força na nossa vida, este amor que nos toma o coração, quando tûdas as ânsias enganosas da mocidade crêdula e imprevidente nos deixaram já.

A TERRÍVEL ARANHA NEGRA DE LONDRES



A terrível aranha negra nos seus confortáveis aposentos do Zoo, de Londres, com o seu habitual ar inofensivo

FALOU-SE para aí no *raio verde*, uma utópica descoberta que, a realizar-se, daria cabo da Humanidade em menos de um minuto, ultrapassando a velocidade mortífera daquêl terrível cometa de Halley que trouxe o mundo todo em alvorôço.

Passado o perigo, tôda a gente se envergonhou dos seus receios, jurando nunca mais se fiar em ameaças de tal calibre.

Pois, agora, o caso muda de figura. A ameaça subsiste, e pode partir do coração de Londres.

Trata-se, nada mais, nada menos, que de uma aranha preta, aparentemente inofensiva, trazida há pouco tempo dos Estados-Unidos da América, para o Zoo, de Londres, e que recebeu o nome de *Viúva Negra*.

Pode supôr-se, à primeira vista, que o pobre aracnídeo americano veio espairar o desgosto da sua viuvez, saindo das suas selvas natais, por não poder suportar por mais tempo as paisagens que lhe afagaram a saudosa felicidade conjugal perdida para sempre. E, então, em volta dêsse drama — visto que as aranhas podem sentir, amar e sofrer como nós — facilmente se esboçaria um romance sentimental.

Se já se fez *A Vida das Abelhas*, se já sondaram romanticamente a ordenada existência das formigas, porque não conceder a mesma honra às aranhas que

constituem hoje o símbolo das classes texteis?

Assim poderia pensar-se... Mas a *Viúva Negra*, não merece tais sentimentalismos...

É o maior flagelo que poderia imaginar-se!

Sendo aparentemente inofensiva, é tão sinistra como a guilhotina da Revolução Francesa que também usou, como é sabido, o nome de *viúva*. E, parecendo uma simples e pachorrenta "papa-môscas", pode causar mais mortes que o macabro aparelho do doutor Guillotin!

Basta dizer que se Londres fôr bombardeada, um dia, por aviões inimigos, a primeira vítima será essa interessante aranha, actualmente instalada com tôdas as comodidades no jardim zoológico da capital britânica. E isto para evitar que o terrível aracnídeo se escape, e venha espalhar a morte e a destruição.

Esta terrível aranha foi trazida das selvas americanas, e exposta aos olhares curiosos dos visitantes do Zoo londrino, por ser pavorosamente mortífera, pois, com uma simples picada, pode matar um homem em menos de três horas.

O venêno que expele é de uma tal violência que, até hoje, ainda não foi descoberto qualquer antídoto para o combater.

E por isso admiram êsse bichinho que, a reproduzir-se à vontade, daria cabo da

humanidade em poucos anos. É claro que, mais dia, menos dia, aparece um sábio a descobrir que dêsse mortífero venêno que a aranha injecta nos míseros mortais pode extrair-se a cura de qualquer mal doloroso, como ainda há pouco aconteceu com o venêno da abelha que está dando óptimos resultados na cura do reumatismo.

Pois a *Viúva Negra* lá está no Zoo, de Londres, até ver... e com o maior conforto.

O guarda encarregado da alimentação da aranha, abre semanalmente um pequeno orifício na caixa em que o terrível aracnídeo se encontra instalado, e introduz ali, com a maior precaução, por meio de um tubo de vidro, seis môscas.

E, assim, a *Viúva Negra* vai gosando uma vida pacífica e sossegada, sem trabalhos nem canseiras, como rica proprietária que se limita e viver dos seus rendimentos.

Logo que chegou da América, foi encerrada na sua confortável caixa, sendo adoptadas a seu respeito disposições rigorosíssimas. É o que o menor incidente — uma fenda na caixa ou negligência do guarda — poderia desencadear um verdadeiro flagelo através da população londrina, tanto mais que estas aranhas se reproduzem com uma rapidez vertiginosa.

Dentro de poucos dias, a *Viúva Negra* vae ser mãe de cem pequeninas aranhas, sendo êste acontecimento esperado com uma ansiedade enorme pelos milhares de visitantes do Zoo. O casulo portador dos novos está rigorosamente isolado, visto que, ainda que minúsculas, essas pequeninas feras, trazem já, no seu dardo, desde nascença, o venêno mortal.

Portanto, o director do Zoo, embora tenha, em alto aprêço a sua pensionista, visto atraír diáriamente centenas de visitantes, deu ordens severíssimas ao guarda da aranha.

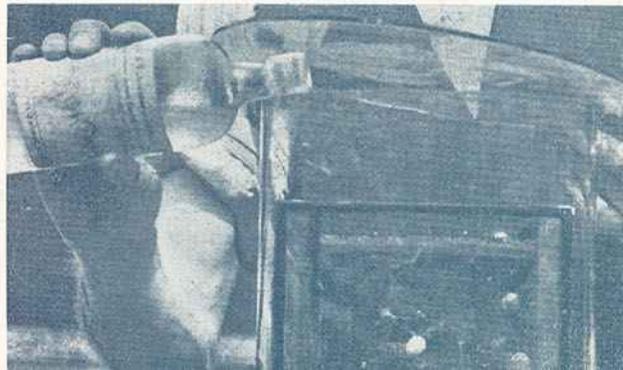
Em caso de bombardeamento aéreo, o guarda lança mão de uma garrafa de clorofórmio, e ferra dentro da caixa com uma dose bastante para matar sem sofrimento a terrível *Viúva Negra* e a sua interessante cria.

E nisto consiste o valor dêste delicioso bichinho...



À esquerda: O guarda alimentando a aranha com o tubo de vidro que leva seis môscas

À direita: A morte pelo clorofórmio no caso de bombardeamento aéreo





D. Isabel de Portugal — Retrato por Ticiano — Museu do Prado

TICIANO, o grande mestre da Renascença, foi, indiscutivelmente, o pintor do nú feminino, e, devemos acrescentar, um pintor feliz que, vivendo na corrupta mas requintada Veneza seiscentista, possuiu modelos de rara beleza. As mais formosas cortesãs da cidade do Adriático — essas cortesãs pintadas de loiro veneziano e faiscentes de jóias que se vendiam a péso de ouro — acceidiam gostosamente ao convite do famoso mestre e (novas Frineias do novo Apelles) vinham ao seu palácio prontas a, em nome da Arte, despojarem-se dos seus brocados roçagantes, para se verem retratadas, ou antes immortalizadas na tela, sob a figura de qualquer Vénus, ou qualquer S.^{ta} Maria Madalena.

Contudo, Ticiano, não foi apenas o artista eroico que tanto folgava quer nos quadros profanos, quer mesmo, por vezes, nos sacros, em reproduzir a nudez esplêndida das bacantes venezianas. A par do seu género preferido, cultivou também outro, o do retrato e, com tal sucesso, que se tornou o mais célebre retratista, não só de Itália, mas de todo o Mundo Cristiano. Não foram só as cortesãs de Veneza que deveram ao mestre a imortalidade, mas também as grandes damas, porque Ticiano, príncipe pelo talento e pela mentalidade requintada, a breve trecho se converteu no pintor querido das duquesas e princesas soberanas do seu tempo.

Ainda nesse ramo de arte a sorte o favoreceu. Ticiano não conheceu o suplício (a que tantos outros pintores se vêem condenados) de ser o retratista das mulheres feias. São em geral, extremamente formosas as damas pintadas pelo mestre de Veneza.

Muitas dessas telas — autênticas maravilhas de pintura — chegaram ao nosso século e, para não citar outras, desde o retrato da marquesa de Avalos até ao da rainha Catarina Cornaro, e desde o de Laura Dianti ao da amante do duque de Urbino, que seria admirável na verdade!

O último retrato citado — o da amante do duque de Urbino — designam-no em

Itália pelo nome de a *Bela de Ticiano*. Porém, não é ela, como querem dizer, a mais formosa mulher que o artista pintou. A *Bela* — aquela que, entre todas as grandes damas retratadas por Ticiano, merece esse título — é D. Isabel de Portugal, rainha de Espanha e imperatriz da Alemanha.

Esse retrato — obra prima de extraordinária beleza — encontra-se no Museu do Prado em Madrid.

A imperatriz, filha do "Venturoso", surge-nos na tela do grande Ticiano em todo o esplendor da sua peregrina formosura. Um elegante traje, duma magnificência absolutamente imperial, serve de escrímo ao seu corpo de deusa. Preciosos escrímo esse, realmente, em tudo digno de encerrar preciosos tezouros de beleza como os de Isabel de Portugal! Sobre uma camisa de diáfana musselina b. acaia afogada no pescoço, através da qual transparece a carnação ebúrnea do colo, e cujas mangas rufadas cobrem os braços até aos pulsos, a esposa de Carlos V enverga uma sumptuosa veste de veludo cõr de cereja, decotada em quadrado, coberta de riquíssimos bordados com mangas perdidas e uma saia de opulento brocado de ouro.

As pérolas deviam ser as gêmeas favoritas da imperatriz. É de pérolas o grande colar que, seguro por um enorme firmal de ouro e rubis, lhe orna o colo. São de pérolas os brinços que lhe pendem das mimosas orelhas. É de pérolas que o escapulário branco do vestido aparece bordado. São pérolas que, juntamente com outras pedras preciosas, guarnecem o magnífico cinto que lhe aperta a delgada cintura.

A cabeça de Isabel de Portugal, ergue-se de todo esse amontoamento de riquezas como uma flor maravilhosa de inexcidível beleza dum vaso precioso. É bem a formosa lusitana cujos encantos os velhos cronistas descrevem como incomparáveis!

Se é possível ver-se uma face sem defeitos, um rosto dumha impecável correção de traços, onde o censor mais rígido nada tenha a dizer, é esse.

Tudo ali, desde o oval harmonioso até à fronte alta e nobre; desde o nariz clássico, verdadeiramente patricio, até à linda boca desdenhosa que se destaca como uma rosa purpúrina junto da palidez líria das faces; desde as sobrancelhas fugidias, em vôo de andorinha, até aos formosos olhos negros, repletos de portuguesa nostalgia e doçura, é belo, belo, belo, na mais extraordinária aceção da palavra.

E os cabelos, esses fios tentadores que — diz a Bíblia — basta um para perturbar a alma? Como são os cabelos da imperatriz da Alemanha?

Os cabelos da imperatriz não são negros, nem loiros, mas sim castanhos, desse castanho fulvo e ardente, quasi ruivo, que os artistas venezianos tanto gostavam de reproduzir nos seus quadros.

São assim, dessa cõr rara e maravilhosa, segundo os cânones da beleza feminina da Renascença, os magníficos cabelos que (admiravelmente penteados,

à moda da Itália, em bandós, frisados e tranças seguras por uma jóia igual ao broche de ouro e rubis) resplandecem no retrato de Ticiano.

Qualquer espírito sonhador, ao deitar-se em frente dessa tela em que a imperatriz, radiosa de beleza e serena majestade, aparece sentada num terraço (donde se avista uma paisagem de montanhas escarpadas, doiradas pelos últimos raios do sol no ocaso) imaginaria o seu casamento com Carlos V como o episódio dum lindo romance de amor.

Sonhos, devaneios de almas românticas!...

O enlace do imperador Carlos V com a Infanta de Portugal não foi, nem podia ser, um enlace de amor, pela razão muito simples de que, até ao dia de se casarem, os dois nubentes já mais se tinham visto.

De resto Carlos V — o frio egoísta e reflectido herdeiro dos Habsburgos — não era homem que se deixasse guiar pelo coração, ou mesmo pela fantasia, em assuntos matrimoniais!...

Havia de tudo no imperador da Alemanha, menos o estôfo dum desses paladinos, amantes de quiméras que faziam da existência um romance de cavalaria. Além disso, esses paladinos, heróis de canção de gesta, após a derrota de Francisco I, o rei cavaleiro, em Pavia, principiavam a cair em desuso... Estava-se no século em que um espanhol, o imortal Cervantes, havia de escrever o «D. Quixote».

Para o jovem imperador, o casamento era um negócio de Estado e não de coação e, em obediência a esses princípios, sacrificara sempre as suas inclinações às conveniências do seu Império.

Antes de escolher para noiva a filha de D. Manuel I, de Portugal, Carlos de Habsburgo, ajustára, sucessivamente, esponsais com duas princesas. Primeiro com Renata de França, irmã da rainha Claudia, mas afastára-se logo que reconheceu a impossibilidade de ela vir um dia a herdar o ducado da Bretanha; depois, com Maria Tudor, filha única e herdeira de Henrique VIII, de Inglaterra.

Porém, mal começaram as desinteligências entre os pais da noiva, êle, recordando que ela não chegasse, de futuro, a possuir as duas coroas reinadas da Inglaterra e da Irlanda, retirara do dedo o anel de esmeralda — esmeralda é o símbolo da fidelidade — que a princesa lhe enviara e batera prudentemente em retirada.

Era bem o Habsburgo devorado pela ambição que, não contente em cingir a coroa mais resplandecente e invejada da Terra, sonhava ainda com a monarquia universal. A sua águia — a águia negra

NÉVOAS DO PASSADO

A conversão de D. Francisco de Borja

ante o cadáver de D. Isabel de Portugal

biécifala dos Habsburgos imperiais — estendia as suas asas sinistras sobre a Espanha, a Alemanha, a Austria, a Hungria, a Flandres, a Borgonha, o Novo Mundo! em suma, sobre um Império formidável — o maior depois do de Carlos Magno — onde o sol nunca se punha, mas êle ambicionava mais, muito mais ainda!...

Porém, à falta de novos territórios — novos firmamentos para erguer novos vôos — a águia imperial (*L'aquila grifagna che per pui devorar duoi bechi porta* como a satirizou o poeta Luigi Alamanni) teve que se contentar com ouro!...

Carlos V, vendo perdidas as esperanças de reinar sob o seu ceptro a Inglaterra ou, pelo menos, a Bretanha, decidiu escolher para esposa entre todas as princesas da Cristandade aquela que maior dote lhe pudesse trazer, a fim-de, com uma parte desse ouro, pagar aos lansquenetes que o tinham servido na última guerra contra a França.

A coroa de imperatriz da Alemanha seria pertença da mais rica herdeira de sangue real, fosse ela defeituosa como Renata de França, ou feia como Maria Tudor!...

A mais opulenta princesa da Cristandade era a infanta D. Isabel, irmã do rei D. João III de Portugal. Depois de muito haver reflectido, o imperador decidiu, não descer o Tejo numa barca puxada por cisnes brancos como o Lohengrin da balada alemã, mas a enviar à cõrte portuguesa os seus embaixadores a negociar o casamento, ou, por outra, negociar a maneira de fazer entrar no tesouro, exausto pela guerra com a França, as novecentas mil dobras de ouro que constituíam o dote da Infanta.

Os embaixadores partiram para Torres Novas, onde nessa época a cõrte se encontrava e formularam o pedido.

Meses depois, em 1526, a princesa (desposada por procuração em Almeirim) seguida dum numeroso e brilhante séquito, chegava, na companhia de seus irmãos, os infantes D. Luís e D. Fernando, à cidade de Elvas.

A cerimónia da entrega da noiva efectuou-se ali, com toda a solemnidade e galanteria, conforme ordenava a etiqueta. Através das antigas crónicas portuguesas e espanholas podemos reconstituir hoje, volvidos mais de quatro séculos, essa cerimónia.

A quarenta passos da raia, a infanta saiu da sua liteira, e montou uma haca-nela branca de neve, regiamente ajazada. Depois dos nobres portugueses lhe haverem apresentado as suas despedidas e lhe terem beijado a mão, o infante D. Luís tomou a montada à arreata e

avancaram todos. Ao mesmo tempo, do outro lado da raia, os grandes espanhóis montaram os seus corceis e puseram-se em marcha.

Ao encontrarem-se as duas cavalgadas, detiveram-se e, após os cumprimentos do estilo, o secretário do duque da Calábria leu em voz alta o poder que o seu amo trazia do imperador para a entrega da infanta.

No fim da leitura do extenso documento, o infante D. Luís respondeu, entregando as rédeas da montada ao duque da Calábria:

— "Eu entrego a vossa Excelência a imperatriz, minha Senhora, em nome de El-Rei de Portugal, meu irmão e Senhor, como esposa do imperador Carlos..."

— Por entregue me dou de Sua Magestade — retorquiu o embaixador

Um último abraço aos irmãos. Um último adeus aos nobres portugueses, um último olhar à Pátria, e a infanta, ou antes a imperatriz, seguida dos seus novos vassallos e servidores, transpoz a fronteira.

E, a partir daquele momento, a bela flor portuguesa desabrochada nos Paços da Ribeira foi pertença da Espanha.

Decorridos quasi um mês, 17 de Março de 1526, no Alcazar de Sevilha, nesse palácio maravilhoso — jóia da arquitectura árabe — que devia parecer mesmo a algum criado nas sumptuosidades dos Paços de D. Manuel, uma morada de sonho, o cardeal Salviata, legado do Papa, abençoava solenemente o enlace da muito alta, nobre e poderosa infanta D. Isabel de Portugal e de Carlos, "sacratissimo imperador dos romanos, sempre augusto rei de todas as Espanhas, da Sicília, de Jerusalem, duque da Borgonha e de Brabant, conde da Flandres e do Tirol..."

Pela primeira vez na sua vida, Carlos V, absolutamente deslumbrado com a radiosa formosura da noiva, sentiu acordar dentro de si uma alma de poeta e, êle que nunca soubera dirigir uma palavra amável a nenhuma das mulheres que possuía (nem mesmo a Margarida Van Gest, a bela flamenga que lhe dera uma filha) soube tecer uma grinalda de formosos madrigais à princesa de Portugal.

Por divisa deu-lhe as três Graças, tendo uma delas uma rosa, emblema da formosura, outra um ramo de murta, símbolo do amor e a terceira uma coroa de carvalho, alegoria da fecundidade e êste mote: *Hoc habet et superat*.

E D. Isabel? Como achou a imperatriz o Cesar que lhe tinham escolhido para marido? Carlos V não era precisamente a imagem de Adónis!...

D. Isabel amou-o, como, de resto, teria amado outro qualquer príncipe a que a bênção de Deus houvesse ligado o seu destino. Encontra-se em muitas mulheres essa docilidade amorosa, sobretudo entre as filhas de Portugal!...

Ticiano executou, com o seu incomparável pincel, o retrato da imperatriz esposa de Carlos V. Resta ao historiador e ao psicólogo o trabalho de lhe traçar o retrato moral.

Das três filhas do "Venturoso", D. Isabel foi aquela que, apesar da sua herar-



Carlos V — Retrato por Ticiano — Museu do Prado

quia imperial, mais obscura passou no Mundo e mais apagado papel representou na história. Era de esperar, visto que, se por um lado, ela possuía todas as virtudes que distinguíam as irmãs, por outro, não tinha as qualidades brilhantes que as adornavam. A Imperatriz não foi a Musa inspiradora dos poetas, a prodigiosa erudita à volta de quem se reuniam os altos espíritos do seu tempo como a irmã D. Maria — a Infanta Minerva, nem tam pouco a grande soberana capaz de governar um Estado, batido pela adversidade, ou de aconselhar um marido como a irmã D. Beatriz — a Egeria ducal.

Mas, se ela possuísse todos esses brilhantes dotes, Carlos V não a teria decerto amado como a amou até à última hora.

Uma princesa que vivesse rodeada dumha cõrte de músicos e poetas, ou que ousasse erguer a voz para o aconselhar, ter-lhe ia inspirado o maior receio e a maior aversão.

Era assim, tal qual ela lhe aparecera — flor de doçura, timidez, misticismo e bondade — que idealizara sempre aquela com quem havia de partilhar o trono e o tálamo.

Livros? Isabel não lia outros, a não ser os das suas orações.

Conselhos? Isabel limitava-se a suplicar nas suas preces ao Todo Poderoso que iluminasse sempre o seu marido bem amado.

Para a Imperatriz só Carlos V (o maior imperador que teve a Cristandade, como ela dizia) existia no Mundo. Era Deus no Céu e o imperador na Terra!

Na mente de Isabel de Portugal esta-

vam gravadas as palavras que S. Paulo dirigira à mulher na epístola aos efésios:

As mulheres sejam sujeitas a seus maridos, como ao Senhor, porque o marido é a cabeça da mulher, assim como Cristo é a cabeça da Igreja e, bem como a Igreja é sujeita a Cristo, assim o sejam as mulheres em tudo a seus maridos.

E, compenetrada dessas doutrinas, a imperatriz julgou-se sempre a primeira vassala do imperador ante o qual, primeiro que todos, devia inclinar-se perante a sua vontade e poder.

Só numa portuguesa o tirânico Habsburgo encontraria aquela mulher — perfeito ideal das esposas — que, dócil e sujeita a seu marido, não amando nem admirando senão a êle, soube conservar-se no segundo plano, e aí, ser-lhe fiel e dedicada até à morte.

Carlos de Habsburgo soube apreciar

o tesouro que encontrara na esposa. E, tanto assim é, que jámais, durante os anos que viveram casados, aquele homem implacável que disputou a autoridade real a Fernando de Aragão, seu avô; que sufocou, com a maior energia e crueldade, a revolta dos *comuneros*; que aprisionou, em Pavia, Francisco I, o herói de Marignan, e o obrigou a assinar o humilhante tratado de Madrid; que ordenou a tomada e o saque de Roma, bem como a prisão do Sumo Pontífice no castelo de Santo Angelo; que em 1350, repeliu o grande Solimão que avançava para a Hungria, seguido dum exército formidável; que venceu, após uma expedição gloriosa a Túnis, o terrível corsário Barbarroxa, deixou de ser para a sua im-

peratriz o mais terno e apaixonado dos maridos.

Isabel de Portugal viveu, não amedrontada junto dêsse homem terrível, senhor de quasi metade do Mundo, cujo poder fazia tremer os próprios reis, mas feliz, porque foi ela que, com a sua formosura, fraqueza e timidez — as armas mais fortes para lidar com os déspotas — subjogou o imperador.

Porém, o amor que Carlos V dedicou à princesa de Portugal não lhe fez esquecer o grande e verdadeiro amor da sua vida. O descendente dos Habsburgos tinha uma amada que o dominava soberanamente — a ambição — e muitas, muitas vezes, se arrancou aos braços da esposa para, agriilhoado por essa tirânica deidade, ir percorrer a Europa...

Durante as ausências e as expedições militares de Carlos V, a imperatriz vivia nos palácios reais de Valladolid e Toledo uma existência plácida e obscura, ora rezando no seu oratório pela prosperidade do seu senhor, ora bordando, na companhia das suas donas, alfaias e paramentos para igrejas e mosteiros, ora discutindo com o seu confessor a maneira de socorrer os cristãos prisioneiros dos turcos, ora velando junto do berço de seus filhos.

Carlos V deixava Isabel sem o menor receio ou apreensão. Sabia que, durante o tempo que permanecesse a guerrear na Flandres, em Itália, ou na Alemanha, ela o esperaria tão ansiosamente e tão fielmente como a Penépole de Ulisses.

Ao lado da sua "*muy querida y muy amada mujer*," o imperador colocara um cavaleiro para, durante as frequentes ausências que fazia de Espanha, velar pela sua segurança e bem estar.

E quem escolheu o monarca para êsse delicado e espinhoso cargo? Um primo seu (como êle descendente de Fernando, o católico de Aragão) um novo, sim, mas um dêsse novos que servem de chefes aos velhos — D. Francisco de Borja, filho do segundo duque de Gandia.

A escolha não podia ter sido mais prudente nem mais acertada porque (todos o sabiam em Espanha) D. Francisco era a honra, a lealdade e o cavalheirismo personificados.

Entretanto — factó singular! — êsse homem possuidor das mais diamantinas virtudes, êsse homem que só para obedecer a seu pai não trocara, como era seu desejo, os esplendores da dignidade de grande de Espanha pela obscuridade e pobreza monástica, era bisneto do criminoso Alexandre VI; neto do libertino e (dizia-se) incestuoso Giovanni Borgia, sobrinho neto do fraticida Cesar, do duque Valentino, e da voluptuosa *Madonna Lucrezia*...

Dos Borgias vinham-lhe, sem dúvida, a beleza, a elegância, o espirito culto e requintado e o talento político e militar. Mas, donde herdara êle a integridade de carácter, o ânimo caritativo, modesto e desinteressado, em suma, tôdas as virtudes cristãs que o caracterizavam? Só Deus o sabe. O que é certo é que dessa raça de criminosos, de verdadeiros monstros, de feras humanas, florira um arcanjo.

(Continua).

EUNICE PAULA.

A glória — Quadro de Ticiano existente no Museu do Prado



LISMONDE

UM MODERNO PINTOR BELGA



O retrato do Prof. Dr. Adolfo Faria de Castro, pelo pintor Lismonde

NÃO apareceu agora o nome de Lismonde. Há já muito que é conhecido no mundo da pintura. Pertenceu a todos os cenáculos de jovens que floresciam em Bruxelas no "après-guerre". Este contacto com pessoas que hoje já entraram na sombra, com raras excepções, podia ter sido nefasta para o talento do artista, se êle não houvesse tido a força necessária para se desembaraçar de tôdas as artificialidades escolásticas. Muito cedo, Lismonde revelou-se a si próprio. Produziu uma série de obras — a preto e branco —, impregnadas de romantismo com tendência francamente germânica: grandes massas sombrias, paisagem de lenda e cheia de mistério, arvôres e vales agrestes.

Mas há 3 anos Lismonde descobriu a linha. Esta evolução é um retrocesso sob o ponto de vista matemático, mas um progresso sob o ponto de vista estético. Desembaraçar-se das massas para chegar à linha, marchando assim para o sintetismo modernista. Lismonde passou de romântico a moderno. Mas não modificou a sua personalidade, e esta permanece constante, apesar das enormes diferenças entre as suas obras de outrora e às de hoje. Na verdade, êle deparou a sua arte e procurou uma síntese interna das coisas. Nos seus pretos e brancos, os pontos vitais das paisagens tão sólidas, construídas com ardor, enquanto que é desprezado o acessório. Poderá qualificar-se de *croquis* as obras de Lismonde. Há aí um pouco de razão. Desapareceu o "acabado", mas o *croquis* resulta completo: formas, tons, essência espiritual, etc. Que mais se há-de pedir a um quadro?

O retrato tenta também actualmente Lismonde. Nesse género é excelente.

Lismonde procura a união da sua arte antiga com a sua nova técnica. Mas um artista tão essencialmente plástico como êle, descobrirá um dia outras fórmulas, solidárias neste fim supremo da arte, a procura da beleza sob o seu aspecto mais sintético.

*

Assim escreveu num jornal belga Geo Francis, àcerca de Lismonde e da sua arte, recentemente posta em destaque através duma notável exposição em Antuerpia. Apresentamos aos nossos leitores a reprodução de dois dos seus últimos "carvões":

Um trecho de Bruxelas e o retrato do professor dr. Adolfo Faria de Castro executado quando da sua estada na Bélgica como bolseiro do Instituto para a Alta Cultura.

Há grandeza nêstes trabalhos, uma grandeza que nos faz recordar de alguns desenhos de Rembrandt. O trecho de Bruxelas, por exemplo, infunde-nos uma suave melancolia que nos eleva o espírito a tal ponto que desejaríamos ir lá contemplar o que o Artista viu, e passar, como êle, pelas profundas emoções que só uma alma de eleição pode sentir.

É certo que nêste género, têm aparecido muitos pintores, mesmo muitos, mas, embora desenhando com uma tal ou qual perfeição, os seus trabalhos não

passam de frios cenários, sem relevo, que não ilusionam os olhos e nos dão a ideia de panos de fundo de teatrinho de feira. Disso tem aparecido e continuará a aparecer por mal dos nossos pecados, com a agravante atroz de nos censurarem por não concordarmos com o merecimento da obra. E então surge na nossa frente um dêsse críticos moderno-estilo que nos interpela sôbre a hiperprodução de tal ou tal pintor dinâmico que vê as coisas a seu modo, exagerando caricaturalmente as linhas peia simples e única razão de não saber desenhar.

Para isso, melhor fôra que seguissem a escola daquele pintor que nos deliciava com as suas *blagues* sempre esfusiantes de graça. Um dia apresentou um quadro pintado a preto. Nada se via ali que não fôsse preto. Com uma brocha, o pintor besuntara completamente a tela a negro. Que diabo queria aquilo dizer?

Pois o artista não se desconcertou ante o assombro dos visitantes dessa exposição impressionista, e respondeu:

— Este quadro representa um combate de dois pretos dentro de um túnel. Como são pretos e estão às escuras, não é de admirar que os senhores nada vejam. Pelo menos, foi assim que eu os vi.

Portanto, em face de tais bizarrias, é consolador ver um artista de facto.



Um trecho de Bruxelas, pelo pintor Lismonde



O PINTOR

ABEL SALAZAR

leza que solicitaram o seu pincel, precisamente porque o são?

Por ventura um pincel tão rico e fundo pague as suas extraordinárias faculdades à custa da técnica ou antes da disciplina.

É possível que aqui e além por detrás da personalidade de Abel Salazar, difusa



e rica, ou difusa por ser tão rica, espriem pintores como Faivre, Coltet, Toulouse de Lautrec, Manet, Millet... Mas, posto assim seja, tais influências vão-se apagando e integrando nas telas à medida que estas acusam o rolar do tempo.

Os amigos do dr. Abel Salazar quiseram prestar homenagem ao homem raro, de personalidade complexa, e trouxeram a Lisboa, para que Lisboa visse, a sua obra de pintor. Lisboa viu e arregalou os olhos.

Através das imensas salas da Sociedade Nacional de Belas Artes estendia-se uma produção sem fim, variada e forte, sentida, ora delicada, ora truculenta, vasta como só era costume observar nos certames de ano e já mais em exposição singular. A impressão, em verdade, foi das mais estranhas e peculiares ao facto fenomenal. Por um lado, aquelas paredes pareciam cobertas pela lava dum vulcão, por outro, de quadro para quadro, ia-se exprimindo em gamas diferentes a sensibilidade do artista. E a voz comum é que se estava em frente dum temperamento singular, como são excepcionais no nosso tempo de especialização, pois que o dr. Salazar, senhor dum pincel invejável, é simultaneamente um homem de ciência que realizou descobertas notáveis na histologia e uma pena nervosa não apenas na expressão de ideias mas como cultor da forma. E este seu talento polimórfico, reconhecido por todos, não fazia senão aumentar a dose de admiração que provocava a extensa e curiosa galeria das suas obras na Sociedade Nacional. Que mais se impõe na sua maneira, a côr, o movimento, o talento de composição, a sensibilidade e a grande simpatia humana que ressuma de tudo?

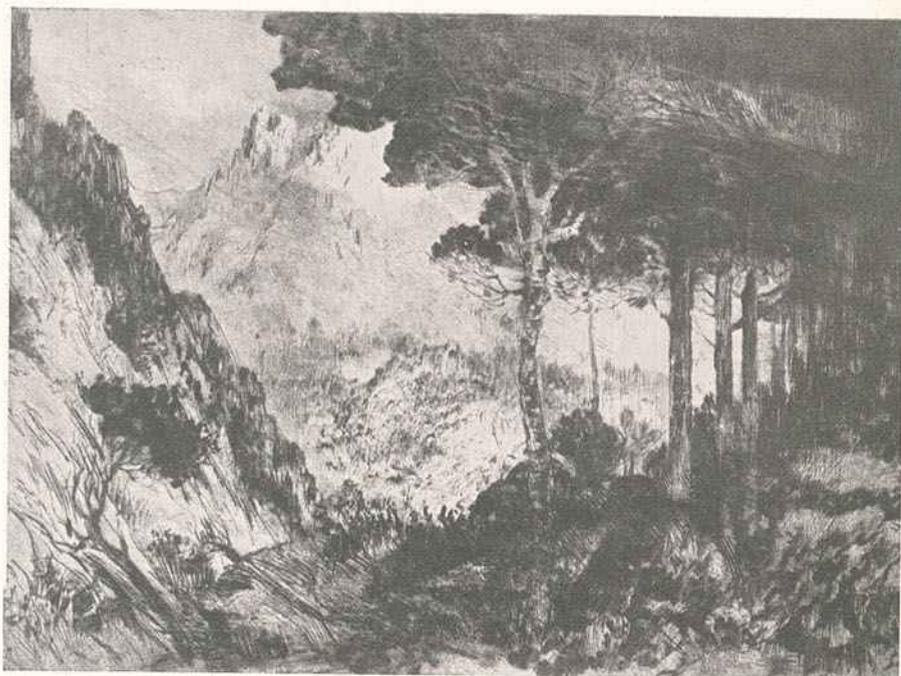
A nosso ver, o que ressaí d'este artista excepcional é o seu génio próprio, o que um teólogo chamaria os dotes raros que Deus lhe deu.

Acima de tudo é um observador realista e apaixonado do movimento, o movimento, alfa dos visuais. Os seus carvões são verdadeiras obras primas de dinâmica, ou se quiserem, de vida. Há de resto estática na sua obra?

Os próprios retratos não traduzem mo-

bilidade, o eterno fluir do que vive no tempo e no espaço? Nas suas paisagens, animadas de colorido, vestidas da luz que lhes pertence, digamos, por direito meteorológico, tampouco há a sideração que parece mais conforme com a natureza vegetal do que com o homem.

Mas não é apenas pintor de movimento, por excelência o dr. Abel Salazar. As suas figuras são duma humanidade flagrante que traduzem, se não uma intenção, o carácter de quem as pinta. É preciso ver nos seus reiterados estudos femininos uma homenagem à mulher e, particularmente, à mulher que renova o mundo dando-lhe filhos, beleza e o labor dos seus braços? Ou não serão antes estes os meros e grandes motivos de be-





A VIDA PARADOXAL DE UM ARTISTA

City devido aos negócios de meu pai. Nessa cidade, continuei com os meus estudos, onde tomei parte, pela primeira vez, numa representação durante as festas do Natal.

Durante os ensaios da peça, apaixonei-me pela heroína, esqueci-me por completo da minha carreira de advogado com os primeiros aplausos que recebi da assistência.

Os aplausos que obtive nessa representação fizeram com que eu resolvesse seguir a carreira teatral, mas meus pais eram de opinião diferente. Por essa razão, tive de continuar no Colégio, apesar de cada vez mais me interessar pela arte dramática e me afastar das matemáticas e química... e esquecer por completo a advocacia... tudo isso, resultando em repetidos conflitos verbais, nos quais meu pai insistia comigo para estudar advocacia e eu insistir em seguir a carreira teatral.

Estava destinado a entrar na Universidade de Kansas logo depois de terminar o curso ginásial, mas não foi assim.

Falando com franqueza, não abandonei os estudos pelo teatro... mas sim por uma rapariga. Namoravamo-nos desde o segundo ano ginásial. A advocacia significava quatro anos de estudo na Universidade e três na Escola de Direito... um total de sete anos. Nem parecia que era um numero de sorte!

Eu era ainda um rapaz brilhante, de maneira que o problema foi facilmente resolvido. Uma tal simplicidade ainda hoje me assombra. Desejava ser actor, ganhar bastante dinheiro e casar-me logo depois. Não era maravilhoso?

Quando descobri que o curso na Academia de Arte Dramática, em Nova York, me iria custar quatrocentos dolares, calculei que me defenderia durante um ano, com outros trezentos dolares para despesas.

Imediatamente arranjei um emprêgo na companhia telefónica Kansas City. O meu ordenado era de cinqüenta dolares por mês. Trabalharia catorze meses e então teria os setecentos dolares necessários. Tudo me parecia muito fácil.

Cinco meses depois, comecei a compreender que o meu bem traçado plano não dava o resultado que eu esperava. Nada economizara, e, para mal de meus pecados, devia a meu pai cinqüenta dolares.

Lembrei-me então de uma tia que tinha dinheiro, e resolvi recorrer à sua bolsa. Escrevi-lhe uma carta de vinte e três páginas, implorando-lhe que não deixasse um florescente génio dramático murchar... e pedi-lhe que me emprestasse quatrocentos dolares. Consegui só a metade.

Não me casei com a jovem de meus

sonhos... Quando cheguei a Nova York, a ingrata parecia estar muito longe de mim!

No fim de seis meses de estudo na Escola Dramática, convenci-me de que sabia mais do que os meus próprios professores. Então comecei a procurar trabalho, e consegui um papel na peça de Rex Beach, intitulada *The Ne'er Do Well*.

As representações não duraram mais de duas semanas. Quando chegou o inverno estava desesperado e somente o meu horror pela água fria, fez com que não me atirasse ao rio.

Sustentava-me apenas com uma sandwich por dia, quando obtive um papel em *Within the Law*. Foi uma verdadeira oportunidade, pois a peça causou sensação.

Nessa companhia conheci uma jovem chamada Eileen Wilson... e pouco depois casámos.

Trabalhei também numa companhia dramática em Pittsburgh, mas percebi que uma companhia ambulante era o melhor lugar para um actor principiante. Depois de estar nove meses numa companhia, regressé a Broadway, permanecendo ali durante nove anos consecutivos. Apareci também em comédias musicais, mas fracassei. A última peça em que interpretei um excelente papel foi em *Spanish Love*.

Spanish Love, manteve-se no cartaz durante dois anos, e sempre a considere o passo mais importante da minha carreira, porque atraíu sobre mim a atenção dos produtores cinematográficos.

Al Parker, que dirigia *John Barrymore*, no filme *Sherlock Holmes*, deu-me um pequeno papel. Fui um princípio, mas minha verdadeira oportunidade veio coma desgraça de José Rúben, que tinha sido escolhido para o papel de protagonista no *When Knighthood Was In Flower*. O actor sofreu graves ferimentos num acidente, de modo que necessitavam de alguém para substituí-lo. Fui submetido a várias provas para o papel. Mas não servi. Francamente, eu estava terrível nesse papel. Em vez dêsse, fui escolhido para interpretar o vilão do filme, que, no fim de contas, era também um papel importante.

Seguiram-se outros trabalhos, e sempre com enorme felicidade.

Mais tarde fui escolhido para ir à Europa com Lilian e Dorothy Gish e Ronald Colman, a-fim-de tomar parte no filme *Romola*. Quando êste trabalho terminou, consegui finalmente realizar uma das minhas ambições mais gratas: viajar por todo o velho continente.

A minha vida é um paradoxo.

A que devo atribuir o meu êxito? A preocupações. Nada tento sem visionar sempre desastres na minha frente... E, no entanto, nada me tem corrido mal mêstes últimos vinte anos!...

WILLIAM POWELL.

“Um belo dia,” — como começam as histórias dos livros de contos da Carochinha, — a cegonha visitou um simpático casal, deixando-lhe um pequerrucho.

O pequerrucho era eu.

O simpático casal era constituído, naturalmente, por meu pai, H. W. Powell, e minha mãe, Nettie.

Como é natural, não tenho a menor recordação dessa memorável ocasião. Minha mãe disse que me tinha tirado dum pé de repolho... uma história tão aceitável e lógica que eu não vi razão de fazer mais perguntas durante alguns anos, até que descobri que na cidade de Pittsburgh, onde nasci num quentíssimo 29 de Julho, não se cultiva tal hortaliça.

O bacilo legal foi injectado na minha vida na tenra idade de ano e meio, quando me levantei na minha cadeira alta e apresentei uma forte denuncia contra a ama que me tinham dado, figurando meus pais como juiz e júri. Naquela ocasião, isso era bonito. Mais tarde, tive razão para acreditar que eu próprio lhes devo ter causado muitos desgostos.

Nunca me esquecerei de meu primeiro amor. A jovem de meus afectos sentava-se diante de mim na escola... uma loira divina, de cujo nome não me lembro mais, por ter sido apagado por uma fascinante morena de olhos azuis, que por sua vez desapareceu da minha mente, devido a uma interessante ruiva.

Lembro-me também vagamente duma primeira actriz de uma revista musical em Pittsburgh, a quem eu adorava da ultima fila da galeria do teatro.

Por aquela época, eu era ainda muito jovem e muito ambicioso. Queria ser um grande advogado! Isto aconteceu antes de minha familia se mudar para Kansas



Joaquim Machado de Castro

Canalizes da Ordem de Cristo Esculturas da Casa Real, Obras Publicas
 nasceu em Coimbra em 17 de Junho de 1751, Aluno das Escolas de José d'Almeida e Góes, Professor da Aula e Laboratório de Escultura, por dois directores e a Academia das Sciencias de Lisboa. Author da Estátua Equestre de S. D. José I e de outras obras notaveis. E' sobre a escultura a sua mais alta e original obra. Foi eleito para a Academia das Sciencias de Lisboa em 1796. Foi eleito para a Academia das Sciencias de Lisboa em 1796. Foi eleito para a Academia das Sciencias de Lisboa em 1796.

Joaquim Machado de Castro

DENTRO em pouco será organizada uma exposição de carácter bibliográfico, iconográfico e documental acerca da estátua equestre de D. José I. Esta curiosa iniciativa parte da Câmara Municipal de Lisboa que ao engrandecimento da capital tanto se tem devotado. Vai ser evocado o magnífico monumento que tantos amargos de boca custou ao seu autor.

O escultor Joaquim Machado de Castro, quando se meteu a modelar a estátua equestre, era um pobre artista.

Outros escultores metiam empenhos junto dos influentes na Córte a fim de conseguirem a primazia no trabalho.

Ora, Machado de Castro, metido no seu cubículo de Mafra, vivia quasi ignorado, tanto mais que não era atreito a

meduras e louvaminhas. Sabedor das intrigas que fervilhavam na Córte, deixou-se ficar no seu destêrro, fazendo por se alhear do assunto. Quando recebeu uma carta, convidando-o a encarregar-se do monumento, calculou que tal convite era apenas feito por descargo de consciência, e deixou-se ficar mais um mês em Mafra.

Nisto, enchendo-se de amor próprio, parte para Lisboa, entra na sala do risco das Obras Públicas e de fronta-se com o architecto da cidade, Reinaldo Manuel dos Santos, que já o esperava.

O artista genial traçou então o seu plano da estátua que idealizara e na qual collocava o rei D. José vestido à romana, de toga como supremo magistrado, coroado de louros, em toda a sua glória, como convinha a um soberano que não andára em guerras, que não entrara em refregas, mas soubera ser grande — dizia êle — na sua ansiedade. Quem sabe o sonho largo que o escultor explicou, as alegorias que engendrou, as figuras soberbas que fez surgir, todo o plano que lhe acudiu aos lábios há tanto tempo mudos para coisas de arte nesse exílio de Mafra! Diante dos olhos admirados do architecto que de ideias soberbas não aventaria?! E que desiluzo quando êste, penalizado, com um ar de criatura subjugada, lhe diria existir já um plano que não poderia sofrer alteração! Um plano?! Trabalhar sobre um plano de outro?! Pouco faltou para recusar o encargo, mas tentou-o a esperança de modificar tudo. Todo êsse desenho era de Eugénio dos Santos, capitão de engenheiros, affecto a Pombal, que fizera o risco da praça e do monumento e morrera no ano anterior, sem ver a estátua começada. Nem pela vontade real o plano seria alterado. O monumento devia ser aquillo. D. José armado como para a batalha, com capacete de plumas, sem manto, montado num cavallo sob cujas patas repousava um leão. Em volta os grupos que lá se vêem: a Europa representada

num cavallo pisando a África; a Ásia simbolizada num elefante calcando a América e duas figuras da Fama engalanando o monumento.

A ESTÁTUA EQÜITRE DE D. JOSÉ

DE COMO A RAINHA ACHOU MENDA A EFIGIE DO SOBERANO

o soberano recusou. A-pesar-das instâncias do artista, que insistia, o soberano, já rabugento, com os seus 61 anos, teimou e não lhe consentiu a mais simples sessão. E Machado de Castro como louco, querendo levar a cabo a obra, espionava o monarca, collocava-se no seu caminho, andava ansioso por guardar na retina aquelas feições banais a que desejava dar cunho no bronze e teve que limitar-se a copiar a gravura de Carpinetti e a buscar parecências numa moeda de ouro. Depois, aquele capacete de penas e aquela armadura irritavam-no. Sendo partidário do nu na estatúria, o artista via-se obrigado a fazer uma carapuça para cobrir formas, e então vestiu-o na armadura, mas pelas próprias; engalanou-o com um manto, tirou o leão — aquele leão com que tanto embriava sob as patas do corcel — declarando não ter tempo para o fazer, transmutou em Triunfo uma das estátuas da Fama, em vez de esporas collocou puas nos botins reais e assim offereceu a Pombal o primeiro modelo em cera que ainda hoje existe na Quinta de Oeiras. O segundo modelo foi feito em barro e o terceiro em estuque, e assim, levemente modificado, entregou em Março de 1772 a estátua na Fundição, de que era director o brigadeiro Bartolomeu da Costa. Fez-se ainda retoques e, em Outubro de 1774, levou-se a cabo o trabalho. Fundiram-se 656 quintais de bronze, que escorreu para o modelo, o qual levou apenas 500 quintais e mais 100 de ferro na armação interior. O artista começou então a cinzelar durante sessenta e três afanosos dias, empregando oitenta e três operários, no Arsenal do Exército, a aperfeiçoar a obra.

Entretanto armava-se um pavilhão junto ao pedestal da estátua, vieram alvíneos e escultores de pouca nomeada que iam

afeiçoando as pedras das figuras laterais que desejava inteiriças. Foi a Pêro Pinheiro procurar mármore liós, que lhe servisse, mas teve que desistir, porque eram necessárias duas pedras de 17 palmos de comprido, 18 de alto e 10 de grossura que não foi possível encontrar, fazendo-se por isso as figuras em dez pedaços de mármore por cada grupo.

A obra estava a caminho. O escultor devia estar ansioso de opiniões como sucede a todos os artistas; devia ter no fundo da alma a dúvida, principalmente porque não trabalhara a planta. Mas, certamente, ia ouvir louvores. A Córte, seguindo o rei e a rainha, foi ao Arsenal a 15 de Maio de 1775. Rodeou-se a estátua, os operários quasi ajoelharam. Bartolomeu da Costa ouvia elogios pela fundição, e, de repente, no meio de toda aquela pompa, a cabecita da rainha, com um alarme de plumas na architectura do penteadado, voltou-se para o escultor, que sorria, e dos lábios da soberana saiu a seguinte frase: «—O rosto de El-Rei está horrendo!—»

Machado de Castro empalideceu; recordou-se certamente das recusas que obtivera quando pedia para fazer a modelação diante do monarca, sofreu rudemente com aquele golpe e êle, que, se fora um artista de hoje, teria dito as razões que lhe acudissem, limitou-se a pedir ao Marquês de Marialva que indicasse a Sua Majestade o lugar donde poderia ver melhor, pois que estava mal collocada. Tudo foi baldado... Para a Rainha a estátua estava horrenda; para a Córte bajuladora ela era monstruosa!

O pobre do Machado de Castro, tinha outros enxovalhos a sofrer. No dia da inauguração solene da estátua, tendo entrado no recinto vedado, um guarda empurrou-o rudemente, intimando-o a sair dêsse local destinado a pessoas de certa ordem. Como Machado de Castro, declarasse a sua identidade de escultor e autor da estátua, a intimação redobrou de fúria, visto as ordens serem aquelas e terem de ser cumpridas. De nada lhe valeu o argumento. Teria levado uma valente sova, se não acode um official que, reconhecendo o escritor, moderou o zêlo do guarda. Em boa verdade, o artista começava mal, quer pelo lado da rainha, quer pelo lado dos modestos guardas que lhe rosnavam às canelas como rafeiros. Mas triunfou, finalmente, e hoje a sua obra é considerada ainda a melhor e a mais arrojada de todas as estátuas de que Lisboa se orgulha. Morreu o rei D. José.



BARTHOLOMEU DA COSTA

MAQUINA com que foi suspenhada a Estátua Equestre de S. D. JOZÉ I na Casa da Fundição, e se tirou para fora por ângulo recto, para se pôr no Carro de transporte.

O brigadeiro Bartolomeu da Costa

Marquês de Pombal caiu em desgraça. A omnipotencia do famoso ministro evaporou-se como fumo. Ainda o cadáver do rei não tinha arrefecido completamente, e já os aduladores da vespera fingiam não o conhecer. Alguns mais atrevidos, voltavam-lhe ostensivamente as costas.

A feia ingratitude de sempre...

A breve trecho, o medalha que ornamentava o pedestal da estátua e reproduzia a efigie do marquês foi apeado. Em substituição foi posto outro com as armas da cidade de Lisboa — uma caravela com as velas enfunadas.

Deu isto motivo a que Sebastião José dissesse amargamente:

«—E agora que Portugal se vai à vela!»



O Terreiro do Paço, segundo o projecto do Marquês de Pombal (gravura de século XVIII)



Estátua equestre de D. José I, quando distribuída no dia da inauguração



O Terreiro do Paço



Retrato de D. Constança Dias, da família das barões de Camargo, de nobres tradições em Ovar Preto — pelo pintor José Ribeiro

Há quem julgue, erradamente, ser a colônia portuguesa do Brasil constituída na sua totalidade por honrados comerciantes, gente laboriosa e de carácter impoluto, cuja única preocupação é a de amearhar meios de fortuna para vir, de vez em quando a Portugal deslustrar parentes e amigos com os grossos cabedais arrecadados em anos e anos de canseiras e escravidão ao trabalho. Os que assim pensam, são os que nunca abalaram, em peregrinação de saúde, saúde pelo passado longínquo e pelo dia de ontem, até ao Brasil imenso, e se debruçaram curiosos sobre a magnífica obra de colonização realizada pelos nossos antepassados e prosseguida, agora, com engenho e arte, pelos portugueses de colaboração com a gente forte e indômita do Brasil de hoje.

Durante anos o meu espírito também viveu na incertesa, na dúvida, ansioso por desvendar o mistério. Em longas e repetidas peregrinações a Terras de Santa Cruz, confirmei, em absoluto, aquilo que pelo estudo aprendera.

Nas letras — dr. Marques da Cruz, poeta de fina sensibilidade, autor do poema "Fátima", editado em S. Paulo; dr. Herculano Rebordão, o "Souto da Casa", criador de numerosos sonetos dispersos em jornais e revistas brasileiras. Jessé de Almeida, o poeta da saúde, o vitorioso criador do "Eterno Adão", a verdadeira cartilha do emigrante. João Luso, prosador elegante e castiço; António Guimarães, extraordinário jornalista que queima ingloriamente a sua inteligência nas redacções dos jornais; Alfredo Guimarães, outro jornalista de apuradíssimo talento; — nas Ciências, dr. Fausto Campos, médico

ilustre; — na Arquitectura, Cortez, etc., etc., são alguns nomes, entre tantos impossíveis de citar, que atestam, eloquentemente, a pujança da colônia portuguesa nas chamadas profissões intellectuais, verdadeiras profissões de espírito.

Na pintura, dois portugueses marcam, também, a sua invejável posição. São eles José Ribeiro e Almeida Carvalho. Ambos pararam, um dia de Portugal ansiosos por novos horizontes, por outras paisagens, peço feito à aventura e à curiosidade num campo diferente, que se estende, tentador, do outro lado do Atlântico. Surpreendi-os, há um ano, durante a minha cruzada pela terra irmã. Pintavam em Sabará, um pequeno burgo a poucos quilómetros de Belo Horizonte onde Martins Afonso, o famoso donatário de S. Vicente, nos arredores de Santos, foi um dia parar farto já de tanto desbravar os sertões da terra enorme do Brasil.

Tem um cunho muito pessoal a arte de pintar do talentoso retratista José Ribeiro, desde 1920 no Brasil, peregrinando de cidade em cidade onde o chamam os ricos que pretendem um retrato, uma grande obra artística. É um moço forte, alto, espadado, com uma personalidade muito própria, com a intuição dum mestre da Renascença. Parece antes um pin-

O pintor José Ribeiro



PARA ALÉM DO

Dois pintores nossos

Triunfos conquistados

tor florentino, da famosa côrte de Lourenço de Médicis, manejando o pincel com uma das mãos e a espada de fino aço com a outra. A sua arte reflecte, por isso mesmo, um pouco do seu temperamento voluntarioso, dominador, aventureiro. Não lhe escapam os mais pequenos pormenores, e é precisamente com os pequenos detalhes que a maior parte das vezes se consegue identificar o carácter duma pessoa, o grau da sua inteligência, a sua bagagem cultural e nos grandes aglomerados de costumes duma época, a tradição e a disciplina dum povo. A pintura da Idade Média e da Renascença é hoje considerada fonte abundante e preciosa para quem quiser fazer história.

A pintura de José Ribeiro é assim: impetuosista, viva, palpitante, dominadora. Em S. Paulo, onde o artista tem o seu estúdio, já pousaram para o seu maravilhoso pincel as grandes figuras da sociedade, das letras, das artes, das finanças e da política.

Alguns dos vultos em maior destaque que aliam ao interesse material o sentimento da Arte, enriquecem os seus salões com quadros do grande artista, cuja presença e actuação permanente no seio duma colônia essencialmente comerciante, vem provar não ser falso o ambiente espiritual em que vive, não só pela influência das elites paulistas, mas também, em face do sentimento de bom gosto que consitue hoje, em dia, uma das mais curiosas facetas dos homens lusos que vivem no Brasil, neste caso, em S. Paulo.

José Ribeiro abalou para além Atlântico com a alma cheia de ambições. Tinha 20 anos. Já lá vão dezóito. Como única riqueza levava o curso de desenho tirado com o professor Luís de Freitas, a firmeza do seu pulso e uma grande intuição artística. Mestre António Carneiro, o grande artista português, durante a sua permanência em S. Paulo, aperfeiçoou-o no manejo do pincel, na escolha das tintas e na fixação das côres. Depois, a golpes de talento, veio o triunfo, um triunfo que se reflecte, sobretudo pelas constantes encomendas de retratos, e que só lhe permitiram realizar cinco exposições.

A longínquas terras chegou o eco da sua fama e logo os convites o fizeram journadear, tanto e tanto, que Buenos Aires o viu e o admirou.

José Ribeiro vem brevemente a Portugal confirmar os justos créditos de artista que alcançou no novo continente. Vem na plenitude do seu formoso talento, aplaudido com favor pelas camadas intellectuais do grande país irmão, que quem a José Ribeiro como se fôsse ali nascido e criado, porque, argumentam e

ATLÂNTICO

em terras brasileiras

a golpes de talento

com uma certa lógica, se Portugal é a terra do insigne pintor, no Brasil formou elle a sua mentalidade. Isto, porém, que muito desvaneece o nosso illustre patricio, fá-lo amar ainda mais a sua pátria avolumando-lhe o desejo de vir ofertar-lhe a sua arte, que tem tido nela a sua maior inspiradora.

Almeida Carvalho é um artista de outra natureza. Ama a paisagem, o motivo histórico, o silêncio impressionante das grandes catedrais.

É o artista dos horizontes rasgados. Boémio por temperamento, vive para o pincel e pelo pincel. Conhece o Brasil de lés a lés. Onde exista um motivo histórico, um velho solar dos tempos coloniais, uma aldeia tipicamente portuguesa, aí vai Almeida Carvalho, insensível à fadiga, indiferente à distância, com a paciência dum monge beneditino e a persistência de um verdadeiro lusitano.

A imprensa brasileira considera Almeida Carvalho como um verdadeiro especialista no difficil ramo da pintura que é a fixação na tela de motivos de história colonial da gloriosa pátria irmã. Porém elle não se limita a esta manifestação de inteligência. Almeida Carvalho sente vibrar o seu espirito de artista por todos os quadros sugestivos que lhe apresenta a vida ou que possam vir a ser um dia considerados como espectáculos históricos de grande significação. Em Minas Gerais encontrou Almeida Carvalho abundantes motivos para a sua arte. Velhas cidades por onde passaram os colonos portugueses; aldeias fundadas pelos desbravadores de sertões, retratos, monumentos históricos e os mais pitorescos trechos da fecunda selva brasileira que emoldura uma casa ou um pequeno aglomerado de habitações, são fielmente retratados por Almeida Carvalho.

Eis, em rápidas palavras, a traços grossos, quem é este artista tão português que longe da terra pátria só procura fontes de inspiração em assuntos ligados com o seu querido Portugal.

Estes dois artistas que tão brilhantemente honram a terra que lhes foi berço merecem a simpatia de todos os portugueses, não só pelo sangue que lhes gira nas veias, mas pelo seu talento indiscutível.

É que no Brasil existem grandes valores, florescem grandes pintores, palpitam inspirações fecundas e deslumbradoras. Portanto, para que um artista consiga destacar-se num meio desta

categoria, é necessário que tenha valor autêntico, fortemente vincado.

Houve tempo em que se dizia o mesmo de Paris, onde alguns pintores portugueses atingiram renome universal. Em boa verdade, triunfar na capital francesa, entre milhares de artistas de todos os pontos do Mundo, era um verdadeiro prodigio.

Hoje podemos dizer o mesmo com referência ao Brasil, pátria de energias formidáveis em que as mais belas inspirações brotam em catadupas constantes.

O Brasil de hoje é a esperança de uma nova era. É a América florescente, emprehendedora, latina, falando a nossa língua, sentindo como nós sentimos, debruçada sobre o mesmo Atlântico, que atraiu os nossos gloriosos navegadores.

O Brasil de hoje é a certeza de alguma coisa de grande, novo e imutável que ficaria, se o Velho Mundo se desmornasse ao cabo de centenas de anos de lutas fratricidas e paixões mesquinhas.

O Brasil de hoje é, em suma, o berço de grandes artistas, cuja fama chegou já à Europa.

E, assim, ver triunfar nesse meio selecto, artistas portugueses, é ficar orgulhoso do seu autêntico valor.

Eis porque enaltecemos a obra de José Ribeiro e de Almeida Carvalho, na plena convicção de que os seus êxitos



Retrato da esposa do comendador Pereira Indole — por José Ribeiro

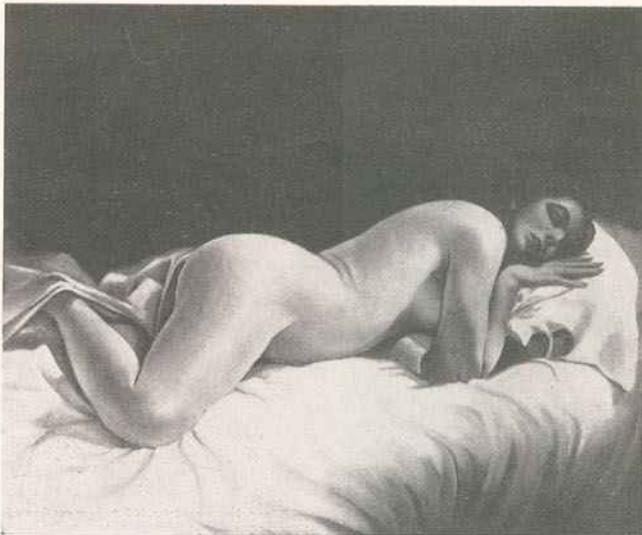
foram conquistados a golpes de talento que os próprios brasileiros são os primeiros a reconhecer.

Não será de mais, portanto, que nós, seguindo-lhes o exemplo, rendamos a nossa sincera homenagem a esses nossos illustres artistas compatriotas que tão esplendidamente estão fortalecendo o laço fraternal que une as duas Pátrias.

É que, em face dos quadros destes dois pintores, até o majestoso Atlântico nos parece mais pequenino...

Nil — por José Ribeiro

ARMANDO DE AGUIAR.



A visita de duas senhoras estende-se por duas bem puxadas horas de conversa na sala, mas, como é vulgar, prolongou-se, à porta da escada, por mais quasi meia hora, com a arrelia do dono da casa que esperava sua mulher, ali retida à porta pelas tagarelas visitas.

Comentando o acontecido, o marido monologa alto:

— Os homens começam a conversar logo que se encontram; quando se despedem, já nada têm a dizer. As mulheres, só na hora da despedida é que começam a falar...

Interrompe a filhinha Maria Isabel, sete inteligentes primaveras:

— Parece que têm as ideias ao pé da porta...

— És um celerado — dizia um comissário de policia a um ladrão que acabava de ser prêso — Que fazias tu nas ruas às duas horas da manhã?

— Senhor, eu sou um homem pobre e acanho-me de pedir esmola de dia.

— Então porque trazes estas armas? (Descobrirá-se-lhe uma pistola e uma navalha).

— É porque as ruas não são muito seguras a estas horas.

Conta-se que nos belos tempos do Paraíso Terreal, Adão andou durante muitas horas, fora da vista de Eva. À noite, quando regressou à caverna, a esposa, desconfiada, pôs-se a apalpar-lhe as costas.

— Que queres isso dizer? — perguntou Adão, intrigado.

— Estou a ver se Deus te tirou outra costela...

Um indivíduo estava sendo examinado pelo médico, afim de fazer um seguro de vida.

— Já teve alguma doença grave? — perguntou-lhe o médico.

— Não, senhor.

— Qualquer doença na família?

— Não, senhor.

— Não há, então, nada de especial que deva dizer-me?

— Isto é... fui uma vez, atirado ao ar por um toiro.

— Atirado ao ar por um toiro?... Mas isso foi um acidente!

— Qual acidente nem meio acidente! O toiro fê-lo de propósito!

Entre automobilistas:

— Parece impossível! Um bom volante como tu és, deixares esbarrar o carro contra uma parede!

— Pois foi assim mesmo! vá lá que se eu não tenho tanto sangue frio, estarias, neste momento, a falar com um cadáver.

— Um petiz volta da escola e conta ao pai, em ar de orgulho e alegria:

— Sabes, papá? Aprendi hoje na aula



que os animais mudam de pele todos os invernos por uma necessidade imperiosa.

O pai, que anda a ver a maneira de se esquivar a comprar à esposa a pele de raposa que ela tanto cubiça, replica:

— Cala-te, imbecil! Olha que a tua mãe está ali, e pode ouvir-te...

Um indivíduo comparece perante o tribunal, sob a acusação de ter agredido o dono de um restaurante.

— O réu é acusado de ter fracturado o crânio ao queixoso?

— É verdade sr. juiz.

— Verifica-se que o réu, depois de se ter servido de uma sandwiche, feriu o queixoso com um objecto duro como uma pedra. É verdade?

— É verdade, sr. juiz.

— Que objecto era êsse?

— A sandwiche que êle me serviu.

Um beerrão foi atacado de inflamação nos olhos, tendo um médico reco-

mendado que não continuasse a embriagar-se, pois ficaria completamente cego.

— Essa agora! — replica o borrachão

— essa nem parece sua, senhor doutor!

— Então porquê?

— Porque quando bebo, vejo até de mais... Vejo tudo a dobrar.

Um petiz pergunta ao pai como começam as guerras:

— Supõe que a Inglaterra — elucida o pai — tem uma questão com a França.

— Isso não pode ser — objecta o rapaz — porque são nações amigas.

— Mas admite a hipótese...

— Lá estás tu a induzir o rapaz em êrro com as tuas hipóteses — intervém a mãe.

— Mulher, não te admito insinuações!

— replica o marido ferrando, um murro sôbre a mesa — sei muito bem o que digo!...

— Papá, papá! — grita o petiz — não preciso de mais explicações... Já percebi como as guerras começam.

Uma senhora repreendia um filho pelo seu acanhamento diante das visitas:

— Qundo chega alguém, o menino pergunta-lhe pela saúde, pela senhora e pelos meninos.

Logo a seguir, entra um padre.

— Como está sr. abade — pergunta a criança com a maior desembaraço — como vai a sua senhora? e os seus filhos?

— Que diz, menino? — repreende o sacerdote — Então os padres têm mulher e filhos?

— Eu não sei — responde a criança — a mamã é que está convencida disso.



— Foi-se embora a cozinheira. Hoje tenho eu que fazer o jantar para o meu marido!
— Deixa lá, filha... Por um dia só... não morre!

Acontecimentos da quinzena



O sr. Presidente da República rodeado de sua família, no dia do seu aniversário natalício, na cidadela de Cascais. — *A' direita*: O Chefe do Estado recebe os cumprimentos do sr. Presidente do Conselho. — *Em baixo*: O sr. general Carmona rodeado pelo sr. Governador Civil e pelos representantes das Juntas de Freguesia de Lisboa



A assistência ao banquete que, na Embaixada de Inglaterra, foi oferecido ao sr. ministro da Educação Nacional. Não assistiram ao banquete a sr.^a embaixatriz nem outras senhoras, não se realizando a recepção que estava projectada para depois daquela festa, devido ao luto da família real inglesa pela morte da rainha Maud



Eça de Queirós — Cartolina de Rafael Bordalo Pinheiro

II

Na carta, já referida, de Eça a Ramalho Ortigão (3 de Novembro de 1877) dizia o romancista:

"A propósito, que lhe pareceu Você do trecho publicado no *Diário da Manhã*? Idiota, não é verdade? *Ce n'est pas ça; ce n'est pas tout.*"

Esse trecho, publicado na lóhla lisboense dirigida por Pinheiro Chagas, encontra-se, sem alteração, no *Primo Bazílio* e vem, na 1.ª edição, de pág. 51 a 55: — é num serão, quando o Ernestinho, o primo de Jorge, lê o quinto acto do seu drama *Houa e Paixão*, e a criada Juliana o interrompe, servindo o chá...

Destacado do capítulo, o excerto, não dava, de facto, grande impressão do livro.

Proseguindo a sua carta, Eça pronuncia-se assim, sobre a sua obra:

"O estilo tem limpidez, fibra, transparência, precisão, *netteté*. Mas a vida não vive. Falta a *poigne*. Os personagens — e Você verá — não tem a vida que nós temos: não são inteiramente *des images decoupees*, mas tem uma musculatura gelatinosa; oscilam, fazem beijo como os queijos da Serra, espalham, derretem. Há, inquestionavelmente, alguma cena, alguns traços correctos, e há maravilhas de habilidade, mas da pequena habilidade, da habilidade do *métier*: enfim, sou uma besta. E o que é triste é que me desespero por isso. Nunca hei-de fazer nada como o *Pal Goriot*; e Você conhece a melancolia, em tal caso, da palavra *nunca*! Não falo naturalmente do *Primo Bazílio*; isso é uma ninharia, abaixo da crítica dum crítico de Penafiel, mas mesmo este novo romance, de que estou tão contente — *não dá, não sai*. Faço mundos de cartão... não sei fazer *carne nem alma*. Como é? Como será? E todavia não me falta o processo: tenho o superior a Balzac, a Zola, e *tutti quanti*. Falta *coisinha* dentro, a pequena vibração cerebral: sou uma irremissível besta!"

Em carta de 20 de Fevereiro de 1878: "Já Você deve ter recebido o *Primo Bazílio*. Como verá, é mediocre. A não ser duas ou três cenas, feitas ultimamente, o resto, escrito há dous anos, é o que os ingleses chamam *rubbish*, isto é, inutilidades desbotadas dignas de cisco. Em todo o caso, diga-me Você o que pensa, e o que pensam os amigos, do volume — se o lerem. Eu, por mim, penso mal: foi um trabalho útil, porque me formou a mão, mas não era publicável; devia ter

ficado em cartões — como ficam em *atelier* os quadros amalgamadamente borrados, onde os pintores se familiarizam com a palheta. Enfim — o mal está feito, e devo tirar d'êlle todo o partido. Peço, por isso, que provoque, tanto quanto puder, uma certa réclame: essa réclame é sobre tudo útil para *manter o meu nome na memória dos homens* até à aparição das *Céas*. Espero que Você não desgostará delas: a primeira são *cenas* da vida literária..."

Pois nos fins de fevereiro de 1878 é pôsto à venda o *Primo Bazílio*...

N'O *Ocidente*, de 1 de Março, Guilherme de Azevedo noticia:

"Entretanto, se muitos podem negar que Lisboa, apesar destas pequenas depravações, se pareça com a velha Roma pagã, ninguém ousará contestar que a cidade não possua os requintados vícios necessários para inspirarem um romance essencialmente moderno, original, exquisito, mórbido, elegante, feito sobretudo com um impetuoso talento à Zola.

Tal é o *Primo Bazílio* de Eça de Queiroz, esse livro excepcional que, mesmo por conter o que seja de embriagador e venenoso, penetra neste momento em todos os *boudoirs* e em todos os cérebros, obrigando o artista, o poeta, o fantasista, a soltar sobre êle um ah! de admiração, ao mesmo tempo que o fiador da ordem social solta murros vingadores sobre vários dos seus capítulos, ribombando em cima do volume um tremendo grito de indignação! A última semana foi um tanto parisiense por êste successo literário..."

Evidentemente Guilherme de Azevedo não demonstrava grande sagacidade crítica, filiando Eça de Queiroz na escola de Zola. Já dois anos antes Silva Pinto, recordando a classificação de Balzac — *literatura das imagens, literatura das ideias e literatura eclectica, de imagens e ideias*, escrevera:

"Entre nós, da geração moderna, afirma-se recentemente, isolado, tranquilo e vigoroso na sua aparente sobre-excitação, um representante, único a nosso ver, da literatura eclectica, a dos espiritos de lei, que na Escócia produziu Scott, na América Fenimore Cooper, e Honoré Balzac em França. Chama-se Eça de Queiroz."

E, ponderando que no romance social há a considerar duas escolas — a psicológica, com Balzac e Stendhal, e a fisiológica, com Flaubert e Zola, filiara o autor do *Crime do Padre Amaro* na primeira: "O romancista lisboense é discípulo directo de Balzac; possui, como o mestre, a compreensão, a intuição do *homem interior*; mas — poderosa aliança — assimila de Flaubert a ciência dos temperamentos, surpreende, em flagrante, como o autor da *Bovary*, o *homem exterior*."

Agradecendo a Silva Pinto, Eça dizia-lhe:

"V. classificou admiravelmente o meu trabalho, (a 1.ª edição d'O *Crime*) filiando-o nos romances de *realismo psicológico*. Balzac, com efeito, é o meu mestre... êle é, com Dickens, certamente o maior criador na arte moderna; mas é necessário não ser ingrato para com a influência

NOTAS SÔBRE EÇA DE QUEIRÓS

A' volta das suas cartas inéditas ao livreiro Ernesto Chardon

que tem no realismo Gustavo Flaubert; — o seu estilo, a sua profunda ciência dos temperamentos tem feito na arte contemporânea uma revolução importante. Eu procuro filiar-me nestes dois grandes artistas: Balzac e Flaubert..."

Guerra Junqueiro publicou, a 1 de Abril de 1878, um artigo, no qual afirmava a sua grande admiração pelo romancista: o *Primo Bazílio* era — "um livro extraordinário."

São dêsse artigo estas passagens: "Eça de Queiroz pertence à ordem elevada dos artistas criadores... O conselheiro Acácio e a criada Juliana, conquanto não possuam a latitude, a quasi universalidade, dalguns dos tipos de Balzac, no entanto, como poder de evocação, como força de génio, colocam Eça de Queiroz a par do autor da *Cousine Bette*, do *Père Goriot* e da *Eugénie Grandet*."

E, além de assinalar as "qualidades verdadeiramente admiráveis" do seu estilo, e de notar a "impressibilidade imaginativa, tão delicada, tão viva, tão profunda, que "chega a sentir com uma tal nitidez e uma tal subtilidade magnética que às vezes faz lembrar os aparelhos de física moderna, marcando com uma precisão inalterável as vibrações dos sons ou as ondulações da luz, e recorda, ao mesmo tempo, as pequeninas balanças trabalhando na aresta dum diamante, dum susceptibilidade nervosíssima, e que servem para pesar as gotas das essências mais preciosas ou dos venenos mais enérgicos," observa:

"Quando não vê a olho nú, põe a luneta; quando não vê com a luneta, põe o microscópio; se a noite é tenebrosa, transforma-se em tigre; e se o olhar feilmo não é ainda bastante prespícaz, transforma-se em vidente, em iluminado, em sonâmbulo..." "Tem a análise e tem a intuição. A análise é um bisturi, mas a intuição é um raio."

Vê-se aqui Guerra Junqueiro esforçar-se por alcançar a definição crítica do autor do *Primo Bazílio*. Mas só a atinge, a meu ver, quando resume: "Eça de Queiroz é um grande romancista, porque é, ao mesmo tempo, um grande poeta."

Teófilo Braga escreverá:

"Como processo artístico o *Primo Bazílio* é inexcelsível; não haverá nas literaturas europeias romance que se lhe avanteje. Há ali a construção segura de Balzac, o acabado artístico de Flaubert, a cruz real mas imponente de Zola, os quadros completos como em Daudet. Os tipos e as situações rivalizam entre si."

Eça, em resposta ao mestre da *História da Literatura Portuguesa*, explica: "Enquanto ao processo, estimo que Você o aprove. Eu acho no *Primo Bazílio* uma superabundância de detalhes, que obstruem e abafam um pouco a acção; o meu processo precisa simplifi-

car-se, condensar-se — e estudo isso. O essencial é dar a *nota justa*: um traço justo e sóbrio cria mais que a acumulação de tons e de valores — como se diz em pintura. Mas isto é querer muito..."

E, precisando as influências dominantes a que sujeita a criação artística:

"Pobre de mim — nunca poderei dar a sublime nota de realidade eterna, como o divino Balzac, ou a nota justa da realidade transitória, como o grande Flaubert!"

A 8 de Abril escreve a Ramalho Ortigão:

"Recebi em tempo competente a sua carta sobre o *Primo Bazílio*, e mais tarde outra, comunicada por Anselmo de Moraes, em que se me fazia esperar um artigo seu das *Farpas* sobre o *Bazílio*. Enquanto ao que é arte, espero com sofreguidão a sua crítica — porque, pela sua primeira carta, vejo que discordamos sobre o princípio, meios e fins da Arte — e, ou Você, crítico, tem de reformar a minha estética, ou eu, artista, tenho de desarmar a sua crítica. Espero portanto o seu trabalho, para replicar *sicut decet*..."

Finalmente Balzac cedeu?... N'As *Farpas*, começava o seu artigo deste modo:

"O *Primo Bazílio*, novo romance de Eça de Queiroz, é um fenómeno artístico revestindo um caso patológico. Para bem se compreender esta obra, é preciso descrever o que nela pertence à jurisdição da arte e o que pertence aos domínios da patologia social."

E seguem páginas sobre páginas, explicando a dissolução dos costumes burgueses: pela má construção e ordenação das casas de Lisboa, em comparação "com as sábias edificações modernas do norte da Europa, da Inglaterra, da Alemanha, da Holanda, da Dinamarca," e pela cuidada educação da mulher, que não cuida do *ménage*, nem entende "nenhum dos grandes educadores do espírito moderno, Michelet, Dickens, Andersen, Froebel," lendo somente "os jornais noticiosos, as revistas de modas, os romances de Ponson du Terrail, de Xavier de Montépin, de Bellot, de Dumas filho," e entregando-se a extravagâncias de devoção — apeteendo as altíssimas penitências elegantes, as romagens à fonte de Lourdes, os jubileus em S. Pedro de Roma, a contrição aos pés do Papa, e, quando menos, o Mês de Maria na Igreja de S. Luís ou a Semana Santa nos Inglesinhos.

Crítica severamente a educação desta mulher, que sonha a vida por Feuillet, que tem "um secreto ideal de grande elegância," e a quem causa "um tédio profundo, nauseante, a sua vida doméstica: a casa de aluguel de que muda de ano em ano; o seu quarto sem tradições, sem história, como o duma estalagem; o saguão infecto, onde zumbem no verão as grandes mósas gordas e pesadas; a cozinha escura como uma en-

xovia," etc., etc. E "o homem superior, segundo a mulher em tais condições, é o dandy..." Etc., etc.

Emfim, Ramalho explica a fatalidade do adultério de Luiza, que casara com um homem trabalhador e digno — que não era um dandy, — e conclui que "Luiza, a amante do Primo Bazílio, é a personificação tremenda da tendência mórbida duma época."

E, apesar de fechar o artigo consignando que o livro — "é uma obra tão perfeita, que a consideramos como sendo uma daquelas que mais honram a humanidade" — pode suspeitar-se que não é grande o entusiasmo de Ramalho.

Vê-se que procurava tanto convencer ao público como a si próprio da moralidade da obra...

Esta triunfara, porém, em toda a linha! Já em carta, de 4 de abril, a Chardon, referindo-se ao *Primo Bazílio*, Eça diz: — "Eu mesmo, creio que o romance tem sido bastante notado."

Tinham-se vendido já três mil exemplares. E a 2.ª edição saíria ainda em 1878.

Entretanto Eça trabalhava... Com que dificuldade!

Já a 8 de abril desafogava com Ramalho:

"Eu trabalho nas *Céas Portuguesas*, mas sob a influência do desalento. Convenci-me de que um artista não pode trabalhar longe do meio em que está a sua matéria artística: Balzac (*si licitum est etc.*) não poderia escrever a *Comédia Humana* em Manchester, e Zola não logaria fazer uma linha dos Rougon em Cardiff. Eu, não posso pintar Portugal em Newcastle. Para escrever qualquer página, qualquer linha, tenho de fazer dous violentos esforços: desprender-me inteiramente da impressão que me dá a sociedade que me cerca, e evocar, por um retesamento da reminiscência, a sociedade que está longe. Isto faz com que os meus personagens sejam cada vez menos portugueses — sem por isso serem mais ingleses: começam a ser convencionais; vão-se tornando "uma maneira". Longe do grande solo d'observação, em lugar de passar para os livros, pelos meios experimentais, um perfeito resumo social, vou descrevendo, por processos puramente literários e à priori, uma sociedade de convenção, talhada de memória. De modo que estou nesta crise intelectual: ou tenho de me recolher ao meio onde posso produzir, por processo experimental — isto é, ir para Portugal — ou tenho de me entregar à literatura puramente fantástica e humorística. Resta saber se eu tenho ou não um cérebro artístico. Se não tenho, então posso continuar a ser, nestas longes terras, um representante dos meus concidadãos que importam carvão; se tenho, então devo ter o que Taine chama o respeito, a dignidade e a hygiene do talento — e, em lugar de me estragar aqui, ir educar-me para aí. Que lhe parece?"

Acresce a isto que, neste degrêdo, faltam-me lódas as condições de excitação intelectual. *Há um ano que não converso!* Isto, aí, lido na Calçada dos Caetanos, pode-lhe parecer pueril — mas digo-lhe



Eça de Queirós (em 1878)

que é apenas dilacerante. As minhas relações são perfeitamente idólatas, que nunca leram um livro, que não suspeitam sequer de que eu os faça, e que pensam que o único producto da intelligência humana — é o *Times*. Dos estrangeiros, meus colegas, são desta ordem quasi todos: vivendo em Inglaterra ha anos, ignoram absolutamente Dickens e Byron. Emfim, a desolação da abominação! A única pessoa com quem posso falar — não em espiritualidade, mas ao menos falar, em sentimentos, ideias gerais, etc. — é um médico. Infelizmente, dominado por uma paixão indigna, só pensa, só conversa, só se interessa por *la création*... Há um ano que não ouço música, a não ser as cantigas bárbaras que compõem a arte de café-concerto. Emfim, o mundo intelligente aparece-me apenas como uma coisa confusa e enoivada, através da prosa dos jornais de Londres. Acrescente a isto a dificuldade da minha vida financeira..."

E continua a expansão da confidência dolorosa por páginas seguidas...

Pobre Eça! Ele acaba de ter um triunfo enorme com o *Primo Bazílio*; desconta-o, porém, em tantas torturas, visionando o seu irremediável naufrágio de romancista, que termina num humorismo que mal pode disfarçar a comção verdadeira que o abala: "Se você tiver uma hora livre, escreva-me a sua consolação!"

Uma pequena consolação, todavia, vai chegar-lhe: por decreto de 30 de Julho de 1878 será transferido para Bristol.

Em carta de 2 de Maio, Eça comunica a Chardon que já escreveu *A Capital*, que dará talvez mais de 300 páginas. E faz a primeira remessa de original. Quanto às outras novelas, informa: "O grosso dos planos está feito..."

Lembra uma edição d'O *Crime do Padre Amaro*, ilustrada por Manuel Macedo. E observa: — "Pensa-se que esse livro, extremamente revolucionário, traria não só ao seu autor, mas ao desenhistas, os



Eça de Queirós — «portrait-charge» de Rafael Bordalo Pinheiro (1880)

ódios do mundo conservador e devoto? Santas ilusões! Reacionários e beatos leram o livro com deleite — ninguém me ganhou ódio, e alguns deram-me mesmo os parabéns».

Em carta de 4 de Junho congratula-se pelo grande sucesso do *Primo Bazílio* no Brasil; e, em carta de 13 do mesmo mês, comenta a notícia de os padres terem prégado contra êle: — «Isto prova que é bom lançar à perna dos srs. Padres *O Crime do Padre Amaro*».

Esteve o romance para chamar-se: *O Senhor Pároco — Crime do Padre Amaro*.

Tratava-se da sua 2.^a edição em livro, já projectada, e cujo contrato de venda veio a efectuar-se a 12 de Agosto de 1878.

Na mesma data de 4 de Junho, participa a Chardon que *A Capital* tem já de 400 a 420 páginas!

Evidentemente não cabe dentro do plano das doze novelas... Vê-se bem pela carta de 4 de Agosto: — «Emquanto às *Cênas*, trabalho nelas. Tem-me tomado tempo pôr em linhas gerais êste trabalho, que é vasto e mais importante e interessante do que ao princípio pensei. Depois, já escrevi *A Capital*, cuja cópia vai muito adeantada, e que lhe re-

meterei breve, se Deus quizer...» — «... Estou bastante contente com *A Capital* — ainda que receio que se repitam as acusações de escândalo, desta vez mais sérias, porque se não trata de mulheres, nem de amores, mas são pinturas um pouco cruéis da vida literária em Lisboa (jornalistas, artistas, etc.). Deus queira que ninguém tenha a tolice de se julgar ferido».

A 12 de Outubro estabelece o quadro dos seus trabalhos e preocupações:

«Tenho de prolongar as minhas horas de trabalho até à fadiga. Além disso, tenho andado com a *burra*: estado de espírito que é particular aos romancistas, e que significa obtusidade de invenção. O *Primo Bazílio* deu-me um trabalho dos demónios. Eu não sou um génio, como sabe; trabalho devagar; talvez não acredite, mas cada fôlha de revisão do *Primo* levou-me de 2 a 3 horas». «... Mas que havemos de fazer com *A Capital*? Eu tenho o manuscrito pronto até à última linha, mas preciso revê-lo com minuciosidade — e se revejo o *Padre Amaro*, não posso occupar-me da *Capital*. Eu não sou um homem como César, para escrever duas cartas — ou dois livros — a um tempo. Parece-me, pois, que o melhor, o mais prudente, o mais hábil, será fazer tóda a fôrça sôbre o *Padre Amaro*, e deixar *A Capital* para o fim do ano. É necessário não fatigar o público com os meus livros. Se lhe atirarmos três ao mesmo tempo, eu perco, como escritor, a grande qualidade da *novidade* e da *raridade*. Um autor que escreve muito é como uma mulher bonita, que se mostra por tóda a parte: o público termina por não se impressionar».

Como estávamos já longe do lançamento dum volume por mês, que projectara quando propunha as *Cênas* a Chardon — um ano antes, a 5 de Outubro de 1877!

Mas o extraordinário successo do *Primo Bazílio*, cuja 2.^a edição ia sair do prelo, impuzera-lhe respeito pela opinião — já a *Critica* existia, e não guardava silêncio... — e temia comprometer o renome de grande romancista que alcançara.

E assim propõe:

«Temos agora *O Primo Bazílio*. Bem. Depois, dum pausa, para os fins de No-

vembro, lançamos o *Padre Amaro*. Fazemos então outra pausa, maior, como quando se quer produzir uma sensação — e atiramos-lhe com *A Capital*! Não lhe parece isto mais razoável? As fôlhas da *Capital* impressas, podem ficar por algum tempo armazenadas, esperando».

E insistia ainda: «*O Crime do Padre* é um romance *bien autrement* interessante do que o *Primo Bazílio*».

Mas a 10 de Novembro muda de attitude: quer pressa, e deseja aprontar já os dois livros:

«Eu, por motivo que seria longo explicar, salto das minhas ideias para as suas».

Mas receiando ainda ter de dar o sim pelo não, pondera:

«A pressa que V. Ex.^a tem — e que eu agora tenho também — não é todavia tão urgente que me leve a arriscar os meus créditos pela apresentação dum trabalho incorrecto. V. Ex.^a sabe como é o meu estilo: não sendo revisto com escrúpulo, é *trapalhada*».

O que ocorrera? É que fulgurara na imaginação de Eça de Queirós o plano dum novo, extranho, assombroso livro!

Por êle deixaria todos os outros no limbo, ou precipitaria a sua publicação? Parece que encarava a última hipótese, porque é da mesma data, de 10 de Novembro, a carta em que explica a Ramalho a génese de *A Batalha de Caia*:

«Concebi o livro, uma tarde, em casa de uma senhora, estando só com ela; ela tocava ao piano a *gavota* favorita de Maria Antoinette — e eu, ao pé do lume, acariciava um cão. De repente, sem motivo, sem provocação — lembrou-me, ou antes flamejou-me, através da ideia, todo êsse livro: — singular, não?»

Encontrou-se, entre os papéis de Eça de Queirós, o plano dêste livro, do qual fôram publicadas, há poucos anos, algumas páginas sob a designação de *A Catastrofe*: trata-se da invasão de Portugal pela Espanha, dentro do quadro duma conflagração geral da Europa...

Ramalho Ortigão respondeu à carta do seu grande amigo, por modo a não o encorajar, mostrando-lhe não só dissentimento, mas infligindo-lhe censura.

Que a ideia não foi imediatamente posta de lado vê-se da carta de Eça a Chardon, com data de 23 de Dezembro:

«Rogo que me mandem as fôlhas impressas do *Amaro* e *Capital*: sem elas é-me quási impossível fazer a revisão do restante. Aguardo com impaciencia, de Lisboa, uma resposta sôbre *A Batalha do Caia*. ... Todo o meu empenho é desembaraçar-me do *Amaro* e da *Capital* o mais depressa possível, e se a cousa se resolver bem, dedicar-me à *Batalha*. Isso é que é livro!»

E dêsse livro nada mais consta, em cartas a Chardon...

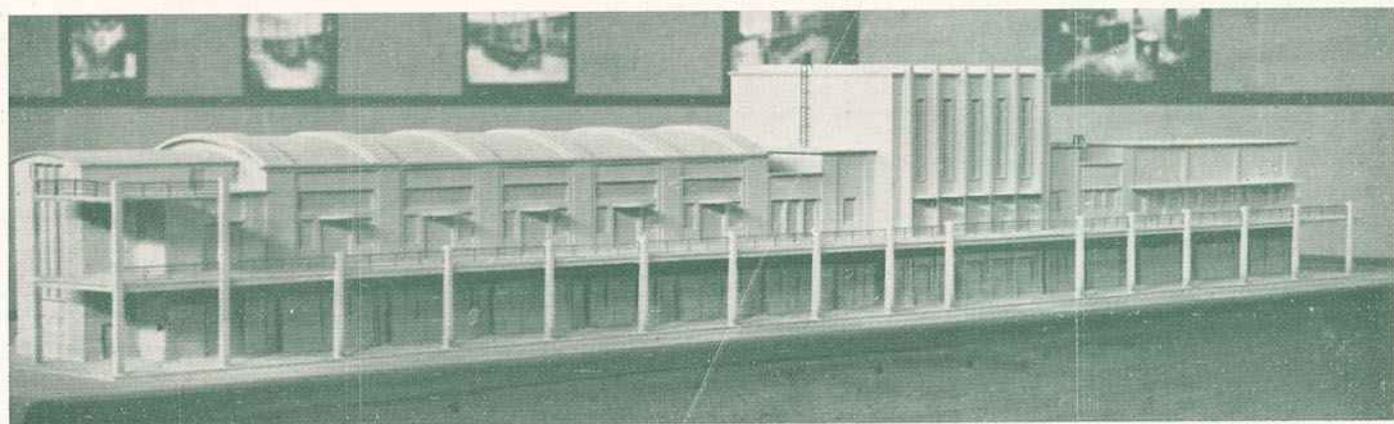
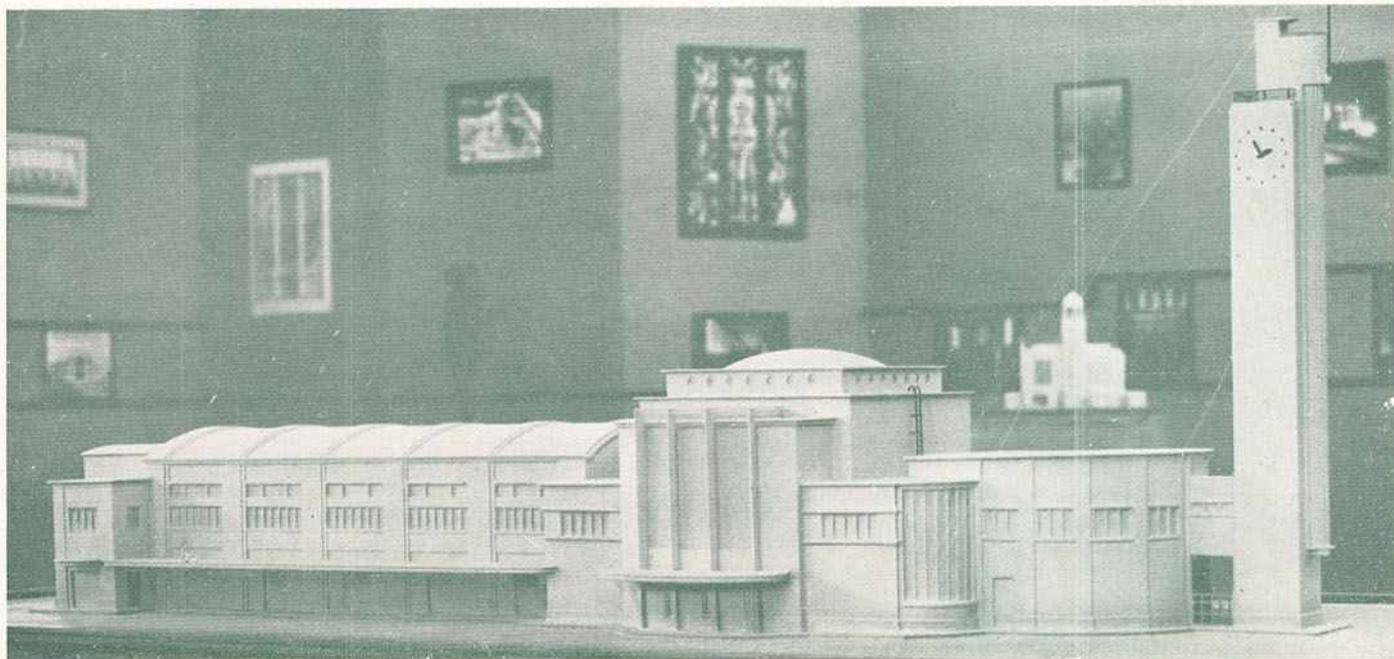
No Arquivo da Casa Lelo & Irmão nenhuma correspondência entre o romancista e o seu editor existe desde 23 de Dezembro de 1878 a 8 de Junho de 1879!

E da última carta, foi separada, rasgada uma parte...

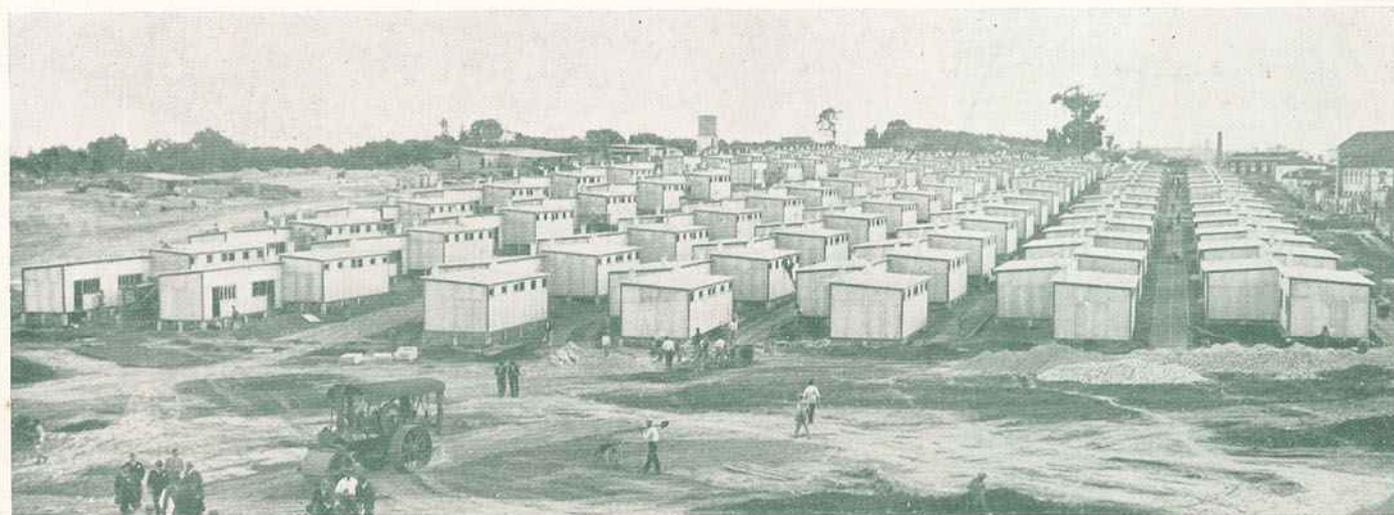
Há aqui, evidentemente, um problema...

LOPES D'OLIVEIRA...

ECOS DA QUINZENA



Dois aspectos do projecto da «gare» marítima, a construir em Alcantara pelo architecto Pardal Monteiro que realizou uma interessante exposição dos seus trabalhos no Instituto Superior Técnico. Assim manifestou este ilustre artista a razão porque é hoje um architecto consagrado e um reformador de notáveis qualidades.



O bairro económico da Quinta da Calçada que está sendo construído em Telheiras e se destina aos moradores do infeccioso e miserável «bairro das minhocas». É este um dos grandes empreendimentos que a Câmara Municipal está realizando e que são de magna importância, pelas inúmeras vantagens que trazem à capital e à população.



desejo — realizado — de impôr o prestígio da raça e da nacionalidade ao conceito dos milhares de estrangeiros visitantes e dos muitos milhões mais que em todo o universo se interessavam pelas competições olímpicas.

Assim classificado, o esforço germânico traduzia-se por um objectivo restrito e ocasional, sem a grandeza de plano construtivo com vistas a largo praso; e todos aqueles que formavam semelhante conceito, afirmaram ser impossível a continuação dos progressos, anunciando ser transitória a hegemonia desportiva dos alemães.

Mas o tempo foi passando, novas e grandes competições internacionais surgiram no programa europeu e os representantes do Reich prosseguiram na colheita de louros, desmentindo os vaticínios dos críticos que não haviam sabido compreender os altos designios nacionalistas da obra de educação física e cultura desportiva empreendida pelo regime político que há seis anos governa aquela nação.

Ao cabo de tão longo período de experiência triunfante, o estudo das bases em que assentam e dos princípios que a guiam, é forçosamente uma lição de ensinamentos, profícuos gerais cujos elementos podemos colher num interesse

sane inquirido a que procedeu agora o afamado jornalista francês Robert Perrier e que vamos tentar resumir, sem comentários pessoais, expondo factos e teorias sem por tal significar que as patrocinamos em absoluto.

*A primeira medida do plano de refor-

A QUINZENA DESPORTIVA

ma nazista foi a centralização de todo o poder dirigente do desporto numa única pessoa nomeado pelo governo, concedendo-lhe plenos poderes, incluso o de por sua vez escolher os colaboradores de sua confiança para chefiar cada modalidade.

Desta forma o chefe do desporto alemão, von Tschammen und Osten, nomeou um presidente para cada federação, que desempenha gratuitamente as suas funções, agregando-lhe um secretário geral remunerado e mais o número de empregados necessários ao serviço. Não há eleições nem assembleias gerais onde os delegados dos clubes manobrem politiquices de interesse próprio; manda o interesse nacional e os praticantes não interferem nas camadas dirigentes.

A obra organizadora de inspiração hitleriana fundamenta-se no critério que von Tschammen expôz do modo seguinte: "Os exercícios físicos são, como as restantes criações do novo Reich, pela natureza do conceito do mundo nas teorias nacional-socialistas.

Este conceito baseia-se na crença da existência eterna e divina do povo alemão e considera que um dos mais nobres objectivos é desenvolver ao máximo as suas faculdades intelectuais, morais e físicas.

Trata-se, portanto, dum conceito de característica assentadamente educativas; quem imagine que abrimos assim a porta ao materialismo sem alma e à cultura dos músculos com absoluta negligência do espírito, engana-se por completo sobre a finalidade do ideal alemão. Julgamos que só pode durar no mundo aquele povo que, a par das virtudes espirituais e morais, possa contar com o máximo de força física, de saúde e de vitalidade.

Na antiga Alemanha objectava-se que

o desporto é inimigo da cultura, roubando público aos espectáculos artísticos e desinteressando os homens dos livros. Mas os que assim falavam eram os intelectuais enfezados, os estetas degenerados que temiam o desenvolvimento duma nova humanidade encarando a vida com olhar claro, são e alegre, desirando-se enojada de certa cultura inferior e mórbida.

É muito mais importante para a humanidade que o corpo dos homens seja, graças à prática dos exercícios físicos, um património sempre utilizável, do que aquilo que a demência desses artistas decadentes poderia criar pela sua cultura.

A conservação da existência está directamente ligada ao culto da força. Não pode edificar-se um estado forte com o póvo de débeis. A cultura física é essa força indispensável, simultaneamente criadora, cultural e defensiva.

Embora a teoria assim exposta nos pareça perigosa sob determinados aspectos, a verdade é que a sua aplicação conduziu a resultados práticos surpreendentes, que obrigam a encarar com respeito os meios empregados para os alcançar, fora de qualquer espírito de aliança com os preceitos sociais visados.

A Alemanha conta actualmente com 28.772 estádios, dos quais 862 exceedem 30.000 metros quadrados de superfície, 14.000 pistas de treino, 19.000 gymnásios escolares e clubistas, 5.000 piscinas de verão e 238 de inverno, 50.000 pátios de escolas apetrechados para a gymnástica, 150 velódromos dos quais oito são cobertos, 23.000 carreiras de tiro, e recintos adaptados à prática de todos os restantes desportos na proporção do que temos indicado.

Correspondendo a esta formidável apetrechagem material o número de praticantes tem aumentado anualmente e a última estatística registava 660.000 gymnastas, 436.000 futebolistas, 266.000 atletas, 421.500 atiradores, 151.500 jogadores de handebol, 131.000 nadadores, 20.000 esgrimistas, etc.; a modalidade que apresenta menor número de adeptos é o "cricket", apenas com 107 praticantes divididos por seis clubes especializados.

Nesta multidão desportiva a percentagem de valores é, como não podia deixar de ser num meio onde nada falta nem os locais apropriados nem os mestres competentes, avultada; em atletismo, por exemplo registaram-se durante a época passada 74 corredores de 100 metros abaixo dos 11 segundos, 60 com menos e 1 m. 58 s. nos 800 metros, 60 saltadores em comprimento além dos 6 m. 90, 52 que excederam 13 m. 41 no triplo-salto, 57 lançadores do dardo a mais de 57 metros, 58 do disco a mais de 41 metros e 64 que atiraram o martelo mais longe de 43 metros!

O mais curioso é que toda esta organização quasi nada pesa no orçamento do Estado, que apenas subvenciona a Academia Nacional de Desportos; todo

o restante dinheiro necessário é fornecido pelos próprios desportistas e pelas suas competições.

Cada individuo associado em qualquer colectividade desportiva paga por ano para o Fundo de Receitas, a taxa de dois marcos se for maior de 18 anos e um marco se tiver menor idade. Esta contribuição produz um total de cinco milhões de marcos, equivalentes praticamente a 25.000 contos da nossa moeda.

Além desta verba, a caixa dos desportos alemães recebe ainda tributo de quatro modalidades cujas organizações internacionais são lucrativas e rendem em média mais um milhão de marcos, para os quais o futebol concorre com 90 por cento, o handebol com 10 por cento, o atletismo 8 por cento e o ténis 2 por cento. Todos os restantes desportos são deficitários, sendo o respectivo prejuizo coberto pelos rendimentos daqueles mais favorecidos pela estima pública.

As receitas do desporto alemão são completadas pelo imposto de cinco por cento sobre as receitas das competições interclubes e pelo produto duma subscrição anual que, em 1938, rendeu 250.000 marcos.

Todo este dinheiro, que atinge a verba global de 32.000 contos, é distribuído conforme as necessidades, sendo mais de metade absorvida pela importância dos salários dos funcionários e gastos de administração e cêrea de 10.000 contos reservados à educação desportiva do Reich; o remanescente destina-se a propaganda e ao equilíbrio orçamental dos desportos pobres, dos quais os mais caros foram no ano económico findo, a gymnástica que custou 2.600 contos, o remo 2.100 contos, o esqui 2.000 contos, a esgrima 1.600 contos, o ciclismo 1.200 contos e a natação 1.000 contos.



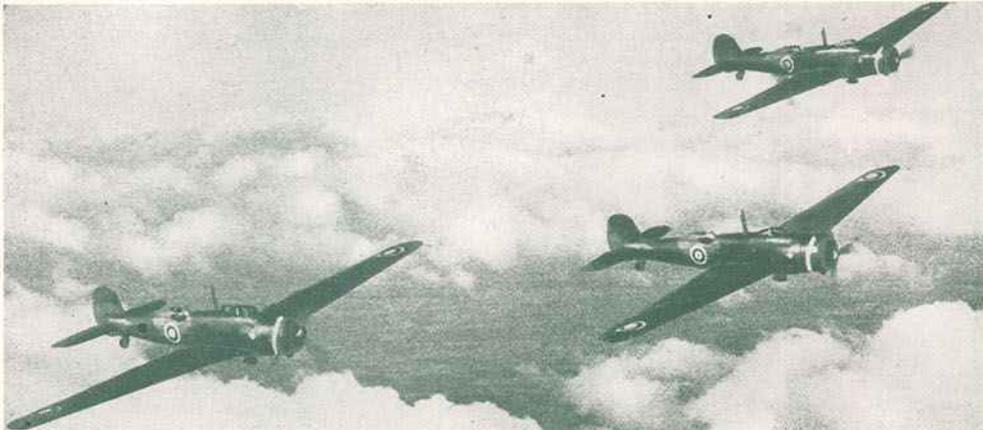
Três mil raparigas executando vistosos exercícios numa das frequentes festas de gymnástica organizada por toda a Alemanha

São ali organizados três cursos: um superior, durante seis meses e equiparado ao doutoramento pois é reservado apenas aos candidatos já diplomados por qualquer escola oficial de educação física; outro, médio, que exige um ano de trabalho e concede o diploma de professorado; finalmente, um estágio de quinze dias destinado aos monitores em serviço nas escolas e visando o seu constante aperfeiçoamento.

A matrícula nos dois primeiros cursos é facultada aos estrangeiros e brevemente devem figurar na lista dos inscritos os primeiros alunos portugueses.

SALAZAR CARREIRA.

formidável superioridade de conjunto demonstrada pela Alemanha nos últimos Jogos Olímpicos, de cuja organização se encarregara, surpreendeu todo o mundo mas foi considerada como a consequência dum titânico esforço de preparação guiado pelo



Os três aviões da série do exército inglês que, num vôo de patrulha, bateram o recôrds mundial da distância em vôo directo, percorrendo os 11.350 quilómetros que vão desde Ismailia, no Egipto, até Porto Darwin, na Austrália



O edifício da Academia de Educação Física e da Casa dos Desportos, onde se encontram reunidas todas as sedes das federações alemãs

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Jaime Seguer (ilustrado); Povo; Cândido de Figueiredo, grande e pequena edição. Simões da Fonseca (pequeno); H. Brunswick (língua e antiga linguagem); Francisco de Almeida e H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.^a ed.; Fonseca & Roquette (Sinónimos e língua); F. Torrinha; A. Coimbra; Moreno; Ligorne; Mitologia de J. S. Bandeira; Dic. de Mitologia de Chompré; Rifoneiro de Pedro Chaves; Adágios de António Delicado; Dic. de Máximas e Adágios de Rebelo Hespanha; Lusíadas; Dicionário de nomes próprios de S. Pacheco.

RESULTADOS DO N.º 18

QUADRO DE HONRA
(Totalidade — 22 pontos)

Rosa Negra, Siulno, Mirna, Agasio, Ti-Beado, Sol de Inverno e Ramon Lágrimas.

QUADRO DE MÉRITO

M. A. P. M., Felix Lobato, Mr. Moto, Tripa Mágica, Rotie, Sir Bay, Alvarinho, Eusapesca e Dóris I — 19. Barão Y, Matina, Infante, Visconde X, Francisco J. Courelas e Sevla — 16. Larabastro, Tarata, Anjo das Serras e Diriso — 14. Almaviso — 12. Papoila e Erbelo — 19.

DECIFRAÇÕES

1 — Penar. 2 — Pequeno. 3 — Lava-dente. 4 — Ternura. 5 — Entrudada. 6 — Acre-sacre. 7 — Assafiada. 8 — Samarra. 9 — Carabácio. 10 — Beladona. 11 — Pausado. 12 — Ferocidade. 13 — Indouta. 14 — Bemquerer. 15 — Ca(gue)tas. 16 — A(bra)ço. 17 — L(é)ve)do. 18 — Ve(tus)to. 19 — Ca(ju)so. 20 — A(ga)lhas. 21 — Vi(s)to. 22 — Casará, amansará.

CONCURSO CHARADÍSTICO

Conforme indicámos no último número, realizou-se no dia 19 do mês transacto, pela lotaria de Lisboa, o sorteio dos prémios destinados a decifradores. Por êle se verifica que foram contemplados os seguintes confrades:

- 1.º prémio — Dic. de J. S. Bandeira — Ramon Lágrimas.
- 2.º prémio — Dic. de Antunes Coimbra — Dama Negra.
- 3.º prémio — Adágios de A. Delicado — Aureo-linda.

As nossas felicitações aos premiados.

CORRESPONDÊNCIA

Abrantes, Oacica. Recebemos a vossa apreciada carta e inclusos trabalhos que agradecemos.

Não se esqueça de indicar os Dicionários onde são verificáveis.

Ti-Beado — Luanda e Dr. Sicacav — Vila Serpa Pinto. Temos continuado a receber a vossa assídua colaboração que nos é grato publicar.

TRABALHOS EM VERSO

CHARADAS ANTIGAS

(Ao illustre Director da «Ilustração», pedindo desculpa do atrevimento...)

- 1) ... E digo illustre, sem lisonja [alguma],
Pois quem dirige assim a «Ilus- [tração],
É, sem favor, pessoa de eleição,
Um excelente Director, em suma.
— Isto é «graxa», dirá V. Ex.^a
(E temos com certeza peditório...)
— Conheço muito bem o palavrório
E a sua derivada consequência!
Pois muito bem — Que «lata» fabulosa! —

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

Sob a direcção de ORDISI
NÚMERO 27

Eu peço, para todos (sem chalaça...)
Um exemplar da «Ilustração»... de graça,
Para o melhor trabalho, em verso ou prosa.

Dirá talvez Vocência: Que meudos!
Critério errado, illustre Cavalheiro;
Quem ganha pouco... e paga ao merceiro... — 2
Nem sempre tem na bolsa cinco escudos...

O charadista, «fino como um alho»,
Tem concepções sublimes de poeta... — 2
Merece nem que seja uma «lambeta»
Como prémio do seu melhor trabalho.

Não sei porquê, parece que adivinho
Que Vocência dirá: — Terão revistas,
Ilustrações... de «borla», os charadistas!
Palavra d'honra? Muito obrigadinho.

Lisboa Rocambolê (T. E.)

(Respondendo aos «Humildosos»
do confrade «Rocambolê»)

- 2) Eu só queria ser «vate» * — 2
Para em verso agradecer
Seu trabalho,
Mas sou falho
De inteligência e saber
Por mais que a paciência mate.
.....
No entanto, basta. — 1
Ó musas, basta...
Que o meu tino se não mate;
Pois sempre pude tecer,
Se não falho,
Este trabalho,
Para em verso agradecer,
Embora não seja um vate.

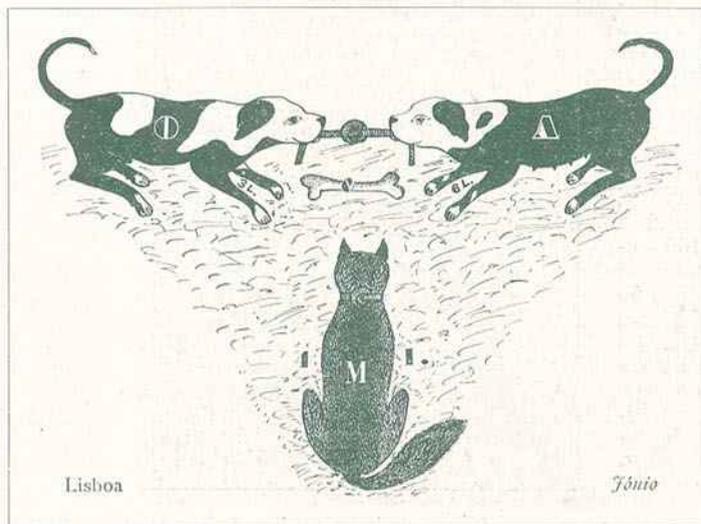
Lisboa Dropê (T. E. e G. X.)

* Poeta americano.

(Ao compadre «Mirones»)

- 3) Bem haja quem se recusa — 3
Ir para a guerra, ir matar,
Não é derramando sangue
Que o mundo se há-de salvar.

14) ENIGMA FIGURADO



Lisboa

Jónio

Vendo espalhar tanto luto — 1
A minha alma se entristece.
Nas lutas cruéis, fúnebreas.
O homem não se enobrece.

É na luta do trabalho
Que um homem se torna honrado;
E enobrece quando acode
Ao p'la sorte abandonado.

Albergaria-a-Velha

Olegna (L. A. C.)

(Agradecendo as amáveis dedicatórias)

4) Gosto de ver, também, teu porte [sério]
Quando um simples momento o determina; — 1
Tua calma — virtude adamantina!
Fonte segura de subtil critério.

Porém se te diviso sob o império
De puro enleio co'a a face nacarina, — 2
Eu sinto uma ventura peregrina,
Deslumbramento divinal... etéreo!

Mostras nova feição mais cativante,
Um poder sedutor mais penetrante
Expressivo de airosa simpatia...

E a tua voz, soando junto a mim,
Brandamente, parece ter alfin
Conquistado o segrêdo da harmonia.

Lisboa Ordisi (T. E. e L. A. C.)

5) Rompendo o negro veu da noite caprichosa
— O manto embalador dos sonhos e da Morte —,
Não passa um dia só que um halo de luz forte
Não quadre o teu perfil de graça radiosa. — 1

Difunde-se a visão na treva silenciosa,
E quedo-me a sonhar no mágico transporte:
— Não sei se a rosa tem o brilho do teu porte,
Se a limpidez do teu reflecte os dons da rosa! — 2

Encanto e sedução — tesouros de pureza!
Ou fada ou joia ou flor — mulher ou divindade,
Não há quem, para amar deseje mais beleza... — 1

Desperto, E, no fulgor da luz-realidade,
As rosas do jardim radiam singeleza,
E murcha a minha flor na sombra da vaidade...

Lisboa Bixoknhoto

ENIGMAS

- 6) Barca leve foge agora
Salca as ondas sem temor:
Eu e ela junto à âncora,
Vai ao leme o meu amor.
Lisboa Siulno (T. E.)

TRABALHOS EM PROSA

CHARADAS SINCOPADAS

- 7) Usai de sinceridade e sede delicado! 3-2.
Lisboa Ricardo (T. E.)
- 8) Trás a bitola do monte. 3-2.
Lisboa Edmaro (L. A. C.)
(Ao Mr. Moto)
- 9) A tua guedelha é digna de motejo. 3-2.
Lisboa Papa-Almúdes (G. X.)
(Ao X-3)
- 10) Ficou enganado quando foi metido a bordo. 5-4.
Lisboa Aço (G. X.)
(Ao Papa-Almúdes, um dos bons)
- 11) Até fiquei arrogante de estar junto dela. 3-2.
Lisboa Cep-fónico (G. X.)
- 12) O ladino é astuto. 3-2.
Luanda Ti-Beado
- 13) Levo o envollório para a minha moçada. 3-2.
Abrantes Aocica

Tôda a correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: Isidro António Gayo, redacção da Ilustração, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

MARINA, PRINCESA DA GRÉCIA

DUQUESA DE KENT

Com a recente nomeação do duque de Kent, irmão do Rei de Inglaterra, para governador da Austrália, ficou em foco a sua figura de joven príncipe, oficial da Real Armada Britânica, príncipe que até agora além do seu serviço tem feito a vida de «sportman» que fazem em geral os príncipes ingleses.

Bela figura, bonito rapaz, já por vezes tem estado em Portugal, uma delas oficialmente, as outras acompanhando seu irmão o Duque de Windsor quando príncipe de Gales, nalgumas visitas que fez ao norte do país.

Mas se fica em foco a simpática figura do joven príncipe, que na Austrália vai ser quasi um rei, também toma um lugar de destaque, sua esposa a duquesa de Kent, princesa da Grécia, que melhor que ninguém poderá desempenhar esse lugar de destaque e de suprema importância nos Domínios da Grã Bretanha.

Marina não é uma princesa como qualquer outra e a sua figura merece ser conhecida pelas mulheres portuguesas.

A sua vida não é a vida banal da maioria das princesas, essa vida ocupada pelos estudos e pelas distrações da corte que são em geral vãs de qualquer interesse especial, e, que se formam futuras rainhas que muitas vezes marcam pela sua inteligência e bom senso, outras vezes vivem e morrem sem ter deixado na vida mais do que saudades aos que as conheceram e amaram.

A vida de Marina é cheia de interesse, numa vida quasi romântica. Nascida na Grécia, embora a família real não possuísse sangue grego, ela foi dotada com essa linha de beleza que classificou entre as primeiras a beleza das mulheres gregas, e as tornou célebres no mundo antigo.

Marina possui a beleza de feições essa beleza de fundamento, que perdura através dos anos e marca sempre como bela a mulher que a tem, em qualquer idade. Desde criança esbelta, com os anos a sua elegância tem-se acentuado, e nem o casamento, nem a maternidade a fizeram perder essa estilizada e elegante linha, que desde os mais tenros anos a faziam notar entre todas as crianças.

O sol doirado da Grécia alegrou os seus primeiros anos e os seus lindos olhos cor das águas

marinhas, abriram-se para a beleza das coisas, tendo como mestres as ruínas maravilhosas da teropole e as colunas esguias e belas que se recortam no azul puríssimo do céu enriquecido o seu marmore pela «patine» do tempo.

A arte do país Natal a sua fendaria belo, marcaram a pequena princesa, com essa graça que nem só a raça dá, mas que se completa com a educação.

Mas a política a terrível política que dum momento para outro convulsiona os países, mandou para o exílio a família real grega, que sem fortuna pessoal que marcasse escolheu Paris a grande cidade, para lugar de desterro.

Paris essa cidade onde todos podem viver a livre vida que podem fazer sem que incomodadas curiosidades molestem aqueles que descaídos do fausto, vivem recatadamente numa relativa modéstia.

Ali numa casa sem aparente luxo, Marina viveu a vida de qualquer menina de família aristocrática, sem as adulações da corte e sem as prisões que elas ocasionam enterrando todos os entusiasmos.

Em Paris a pequena princesa que conservava na retina a profunda impressão das grandes belezas que tinham deslumbrado a sua infância afinou mais o seu gosto artístico e tornou-se não a mais luxuosa princesa da Europa, pelo menos a mais elegante no seu parisiense vestir, todo simplicidade e «chic».

Um chapéu, um vestido que a joven princesa usasse, tornava-se moda em pouco tempo, porque a sua graça impunha-o à admiração das próprias parisienses, e a sua distinção tornara-a a primeira nos lugares em que aparecia.

Que não eram muitas as festas que frequentava, porque a família real grega vivia uma vida retirada e socegada, nesse lugar de exílio, ali a sólida educação que a princesa recebeu afinou e requintou com o meio intelectual e artístico, que se pode dizer o primeiro da Europa.

Quando chegou à idade de casar a princesa



A princesa Marina da Grécia, com os seus filhinhos

Marina era uma das mais bonitas e elegantes princesas da Europa.

Casaria com um rei vivendo a desasossegada vida das rainhas de hoje? Ficaria na modestia do seu viver.

O amor encarregou-se de tolher o seu destino e de responder às perguntas, que faziam todos os que conheciam a linda princesa e a admiravam pelo seu natural encanto.

Jorge, duque de Kent, encontrou várias vezes a linda Marina, e, bonito e interessante também ele, como é natural amaram-se e resolveram casar.

O seu casamento entusiasmou a Europa, dois lindos príncipes, que se consorciavam por amor enterreceram os prosaicos corações de hoje, que bateram com o entusiasmo do romântico sentir de dantes.

Todos os jornais descreviam o enxoval da princesa, era fotografada em todas as lojas onde entrava, fizeram-se chapéus à Marina, vestidos da cor dos seus.

As cerimónias do seu casamento foram reais, e, a sua beleza conquistou o coração do povo inglês como tinha conquistado o do jovem príncipe.

E Marina começou a viver a vida da corte inglesa, tão diferente da vida simples que fazia em Paris.

Fácilmente adaptável a jovem princesa é feliz na sua vida de casada, e, depressa a sua felicidade aumentou com o nascimento dum filho, dois anos depois uma linda princesinha veio alegrar mais ainda o coração de Marina, que mãe extremosa se dedica com carinho aos seus filhinhos vigiando ela mesma, a sua educação, velando pelo seu bem estar e ocupando-se das crianças brincando descuidadamente com elas nos momentos de liberdade, as mais felizes da sua vida.

E o exemplo vem-lhe de alto porque a família real inglesa tem dado ao seu povo o espectáculo enterrecedor da união da família, através de todos os acontecimentos, ainda os mais dispendidos mundialmente.

E' pois quasi certo que será grande a influência que terão os duques de Kent na Austrália, esse maravilhoso país da Oceania onde Marina poderá demonstrar o seu valor pessoal, dando à Austrália essa nota de elegância que basta a sua presença, para espalhar no ambiente, tornando-o «chic» e requintado.

E Marina a princesinha nascida na Grécia, criada e educada em Paris, casada na Inglaterra, continuará na Austrália, longe tão longe, no seu officio de governante a espalhar beleza e graça conquistando almas e corações e entusiasmando os australianos, como à sua chegada a Londres entusiasmou os ingleses, com o seu doce sorriso, e, com os seus lindos bebés enterrecendo o domínio do Pacifico.



Os duques de Kent

MARIA DE EÇA.



Como levanta a rapariga portuguesa esta sobre ambição e tão poucas têm sido aquelas que fazem em fortuna, que essa sua ambição passa quase despercebida na onla de mais nobres desejos.

Esta attitude dignifica a rapariga portuguesa, que manifesta uma pureza de intenções, que me leva a esperar com confiança num bom futuro para o país, que possui raparigas de tão levantado sentir e tanta grandeza de alma.

Nos rapazes nota-se o mesmo desejo, raro é aquele que não diga que tem uma noiva cristã, dedicada ao marido e aos filhos preferindo uma alma perfeita à beleza que feneca e desaparece com os anos, boa dona de casa, mãe exímia e boa educadora.

Muitos dizem que preferem uma cara natural à cara maquiada e uns is pintadas o que justificado é a quasi todos horrorisa.

Estos resposas dos rapazes portugueses vem fazer-nos ver o seu intenso desejo de voltar à vida do lar, a união indissolúvel de família a uma vida cristã e simples como o foi a vida de seus avós.

É uma experiência esta, a do jornal que a imagina, que desperta em nós a doce esperança de ver em Portugal renovada a vida de família nas suas puras tradições.

A vida de família que deu ao país heróis de tal envergadura que duma pequena pátria fizeram um grande império, assombando o mundo com os seus feitos verdadeiramente assombrosos e que a todos maraviaram em tempos idos.

É nestas resposas as meninas que para agradecer empregam toda a sua vida a fazer caprichos penteados, e dá sua carinha graciosa fuzem uma paleta de pintor, certo que não é esse o caminho que as levará ao matrimónio sonhado.

Aquelas que põem de parte o recato feminino e vivem uma livre vida de rapaza, não serão escolhidas sendo para uma hora de distração e nunca para companheiras duma vida.

E nisso mostram os rapazes uma tão perfeita compreensão do que é o casamento e o cuidado que merece a fundação da família e o crear um lar, que todos temos de nos regosiar, que a mocidade pense essas avançadas noiva uma brilhante aurora, o nascimento duma nova era de bom senso e equilíbrio que tanta falta têm feito nestes últimos tempos.

Curvemo-nos paí respetosamente perante os novos que assim pensam.

MARIA DE EÇA.



ASSIM como se nos ensombra a alma quando vemos a mocidade que deve ser pura e luminosa, sossobrar nos obismos de imoralidade, que um mal entendido modernismo, canou aos pés da humanidade, tornando ridículo e antigo tudo o que é venerável, respeitável, elegante e atraente tudo o que é marcadamente desprezível, também uma luz brilhante de alegria nos ilumina, quando vemos essa mocidade que tantos perigos envolve reagir num desejo são de moral e dever.

Quando todos dizem que a moral da gente nova estava completamente modificada, eu pensava sempre, duma parte da gente nova, infelizmente duma grande parte, mas não de toda a mocidade, porque facilmente tenho conhecido com gente nova de sé moral e levantados princípios, mas restava-me sempre a diáula, o que é e o que pensa a gente de hoje?

Um grande jornal da manhã iniciou um interessante inquérito sobre as qualidades morais que raparigas e rapazes desejam encontrar no noivo ou noiva que serão toda a vida os seus companheiros.

Com o interesse que me merece a gente nova, leio cuidadosamente todas as manhãs as resposas da juventude a esse gracioso inquérito e a minha alma exalta de alegria ao ler as resposas de rapazes e raparigas, e, confesso que me sinto orgulhoso da juventude do meu país e só lamento que não sejam essas resposas tradicionais em todas as línguas e espalhadas por todo o mundo, porque elas denotam o fundo moral da raça, que tem resistido a todos os embates que nos têm sido trazidos num desejo destruidor de tudo o que é grande e a que o povo português soube resistir.

As meninas na sua quasi generalidade pedem mãos que as saibam compreender, trabalhadores honestos que possuam a Fé em Deus de seus maiores e o culto da Pátria e da família.

PÁGINAS FEMININAS

A MODA

Este inverno a moda caracterisa-se pela abundância das quinquilhãs de pele. Ser o inverno das peles luxuosas, e para aquelas que não possam comprar as peles ricas, usar-se-hão mais modestas. Em todo o caso aconselho as senhoras que não possam ter um bom casaco de peles que prefiram um bom casaco de pano, com uma ligeira guarnição em peles, ao casaco de peles de coelho, que em pouco tempo estão estragadas, porque o luxo barato é sempre ridículo e não é económico.

Um casaco de pele ordinária não tem duração.

A moda impõe também este ano o uso da saia curta, contra esta imposição, recomendo o maior cuidado, há nas senhoras portuguesas a tendência para exagerar modas e não «chic» essa tendência, as saias curtas raramente ficam bem quando exageradas. Antes de as adoptar é necessário fazer um estudo consciencioso do físico para ver se as podem usar. Uma senhora gorda, baixa ou muito alta, não pode nunca ficar elegante com as saias curtas.

Vi há dias uma senhora gentil muito graciosa, muito bem vestida até acima do joelho, mas usava uma saia exageradamente apertada e que não atingia o joelho e uma das pernas completamente deformada, em contraste com a outra, numa exibição que a desfigurava, desmanchavam o conjunto. Um pouco menos apertada a saia e mais um palmo de comprimento e ninguém notaria esse defeito.

É preciso um grande tino para saber adaptar a moda ao que nos favorece e não ridicularizarmos-nos com ela. Damos hoje alguns modelos elegantes e modernísimos:

Casaco em pele de «astrakan» cinzenta muito simples e gracioso, é ligeiramente justo ao corpo, chapéu em veludo preto, lavas em «veludo» e botas em camurça preta. Pequeno casaco em tiras de visou aplicadas sobre veludo castanho amilo e dando pouco comprimento, mangas amplas. Este casaco é para «toilette» e pode ser usado com vestido de noite. Na gravura está vestido sobre setim preto, chapéu em veludo preto e plumas rosa caindo atrás sobre o calbido.

«Toilette» de visitas em pano preto. A saia lisa e justa. O casaco abotoado até ao pescoço com lindos botões, é guarnecido com uma grande barra de raposa preta, nos ombros guarnições na mesma pele. Chapéu em feltro preto, guarnecido a pele e duma grande altura. Recomendável apenas ás senhoras não muito altas.

Para chá uma linda «toilette» em veludo cinzento cor de pelo de rato. As mangas muito originais mantêm o empregado por meio de dois grossos cordões de seda da mesma cor.

Em volta da cintura uma guarnição em veludo e cordão que fecha com um ramo de flores de «mugueta», igual ao que guarnece a gola de vestidos na frente. Chapéu em feltro preto e véu na cara também preto. Este vestido só fica bem ás senhoras extremamente delgadas.

Elegantíssimo vestido de noite em «taffetas» preto e renda. A saia de «taffetas» tem vários apinhados na frente no estilo dos vestidos usados há cinqüenta anos.

A renda é aplicada em «casquillage» dos lados, mantendo afastada por meio dum arame forrado de seda preta. O corpo do vestido completamente liso, tem duas tiras que traçam dando volta ao pescoço e fecham com uma rosa em veludo vermelho.

O penteados estilo moderníssimo resuscita as cabeças de 1900, na sua simplicidade elegante tem um requinte senhoril que favorece muito as senhoras que o usarem. Brincos compridos em brilhantes e pulseiras completam esta linda «toilette».

O CALÃO

ARRASAR-mo muito que se tem dito e com justificadíssima razão, contra o calão na linguagem feminina, de cada vez mais se introduz na linguagem da mulher moderna, que é difícil quasi, distinguir da do garoto da rua, ou do fa-

dista de Alfama. É uma triste manifestação esta, considerada hoje de elegância.

Ser elegante usar do palavrão ordinário com que a língua de nossos antepassados é deformada, é uma triste manifestação de decadência. É para notar porém, que esta decadência não se nota só entre nós, mas em todos os países se ouve a mesma queixa amargamente proferida, por aqueles que têm o difícil papel de orientadores.

Em toda a parte a mulher manifesta a sua independência, tornando vulgar e ordinária a sua maneira de falar. É uma triste manifestação de inferioridade daquelas, que se querem tornar superiores.

Não é preciso falar difícil em requintada linguagem de romance barato, para se falar com uma senhora, o que se deve é falar com naturalidade e bem a nossa língua, com simplicidade e correção e pôr de parte essa linguagem ordinária que invade salas e lares sérios e honestos.

O CULTO DO DINHEIRO

O dinheiro é indispensável à vida porque sem ele nada se pode fazer e as donas de casa mais do que ninguém sabem quanto é necessário e da maior utilidade para se adquirirem as coisas mais indispensáveis à humanidade, os alimentos e o vestuário.

Todos tratam de procurar a melhor maneira de o adquirir e alguns até a pecar, pois não recuam diante dos actos mais vis, para conseguir ter dinheiro.

Mas se a humanidade guiou o dinheiro quasi à categoria dum Deus na Europa; havia na Índia, por ele um culto particular. Nalgumas cidades, os banqueiros enterravam-no em sitios occultos. Quando tinham de pagar somas avultadas, as moedas apareciam cobertas duma espécie de ferrugem.

Provinha isto dum superstição local. No se-



gundo dia da festa tão célebre de Bennali desenterravam o tesouro; depositavam no numa espécie de capela onde o horríavam com uma composição líquida, que lhe dava cor. Ponham-no seguidamente sobre um braço com incenso.

Prostravam-se perante o dinheiro, erguiam-se, punham-se de joelhos e de mãos postas rezavam. O' riqueza se-me propicia e afasta a adversidade da minha casa, não te apertes de mim, faz-me feliz até ao ano que vem e eu te adorarei!»

Tornavam a fechar o tesouro, confitados em que a fortuna os bafearia e acreditavam serem eficazes as orações feitas nos festas de Bennali. E quantas pessoas não há, como o célebre Harpagão de Molière, que fazem do culto ao dinheiro o fim da sua vida, não o utilizando naquilo a que ele serve e se torna útil, mas vivendo miseravelmente e apenas no culto da avareza, contentando-se em vê-lo, contá-lo e aumentar esse dinheiro que se torna inútil.

O dinheiro não deve ser desperdiçado nem tão pouco divinizado.

HIIGIENE E BELEZA

A volta das praças muitas senhoras se queixam dos nervos e duma excessiva tendência para as lagrimas o que prejudica enormemente a beleza dos olhos e da pele, além de se tornar um tormento para as que os rodeia. Devem tomar o calmante que o seu médico lhes



Qualquer depilatório lhe tira esse defeito que prejudica a beleza das pernas.

Caída: É na verdade muito próprio para uma senhora o Curso Superior de Letras, e querendo dedicar-se ao professorado está indicado. Não se preocupe com essas coisas, há sempre quem diga coisas, a que se não deve dar importância; porque verdadeiramente a não tem.

For ever: É sempre elegante um «tailleur» em veludo inglês preto. Acho que faz muito bem a casa deve ser ao gosto dos dois noivos e se preferem uma casa moderna, é isso muito natural, estão dentro da sua época. Visto que me consulta dir-lhe-ei que prefero os Beiriz, não por serem nacionais, mas são bonitos.

Alice: Não obrigue de maneira nenhuma a criança a fazer uma coisa que tanto a contraria e que não é de interesse nem para a sua saúde, nem para a sua educação moral.

É preciso ao educar uma criança ter em conta não existir demasiado, nem contrariar sem razão. As crianças têm a noção do que é justo e isso é contraproducente.

Daisy: Não deve irritar a sua irmã com essa guerra continuada, só se serve para a fazer persistir nessa evidente tolice, que pode ser a sua desgraça. Inspire-lhe confiança, de forma a que a faça confiante e, sem o dar a conhecer, faça ressaltar os seus defeitos, falando vagamente nos antecedentes e demonstrando-lhe com plácidos que prepara uma vida horrível.

Desiludida: Não seja tão impressionável e não astrague sem motivo a sua vida. É naturalíssimo que haja um choque de gostos entre pessoas que nunca viveram juntas e é claro que não é a mesma coisa que a convivência de noivos. De parte a parte tem de haver uma certa transigência. A questão da rádio que tanto a enerva, tem uma salvação. Sacrifique-se a ouvi-la e ele que tanto gosta de ruído sacrifica-se a pô-la mais baixa para a não incomodar.

Se em tudo assim procederem serão muito felizes, quanto ao resto é seguir o mesmo sistema e creia que todos neste mundo temos de nos sacrificar a gostos que não são em nada o nosso.

costuma recomendar e além disso fazer o seguinte banho de maravilhoso efeito:

Na banheira com água quente deitar a seguinte mistura: Bromuro de potassa 1 grama, carbonato de cálc 1 grama, carbonato de sódio 300 gramas, fosfato de sódio oito gramas, sulfato de sódio 5 gramas, sulfato de alumínio 1 grama, sulfato de ferro 3 gramas, óleo volátil de alazema 1 grama, óleo volátil de timo 1 grama, óleo volátil de romarino 1 grama, tintura de stalségre 50 gramas.

Mergulhar nesse banho e deixar estar meia hora fazendo correr de vez em quando a água quente ao sentir arrefecer.

É dum surpreendente efeito, embora a receita seja um pouco complicada.

Os nervos calmam e fica-se na melhor das disposições.

DE MULHER PARA MULHER

Conclui — Agóres: Os vestidos de saia e casaco usam-se curtos e justos ao corpo aquelas que são gente modesta, mas os mais honitos são o género alfaiate. A cor da moda é o «bordeaux».

Para o cabelo o remédio é escovar muito bem e aplicar o óleo de ricino com uma pequena escova fazendo massagem.

NUM DE NESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — V.
Copas — — — —
Ouros — A, V, 6, 4, 3
Paus — A.

Espadas — 10 **N** Espadas — D.
Copas — 9 **O** Copas — 8
Ouros — 10, 8, 5 **E** Ouros — D, 9, 7
Paus — R, 3 **S** Paus — 10, 5

Espadas — A.
Copas — 10, 2
Ouros — R, 2
Paus — V, 4

Trunfo espadas. **S** joga e faz tôdas as vasas.

(Solução do número anterior)

E — 9 p., **S** — 4 p., **O** — 2 p., **N** — R. p.
N — R. o., **E** — A. o., **S** — 2 o., **O** — 3 o. (a).
E joga o que quizer, mas o melhor é ouros.
E — 6 o., **S** — D. o., **O** — 7 o., e **N** — 4 o.
S — A. c., **O** — 3 c., **N** — V. c., **E** — 2 c.
S joga D. e. e 6 e. e **N** tira a seguir as seis espadas. Ficam todos reduzidos a 3 cartas. t
N — A. p., 3 p. e 6 c.
S — R. c., 9 c. e 8 o.

E e **O**, de qualquer forma que se baldem ficam enforquilhados.

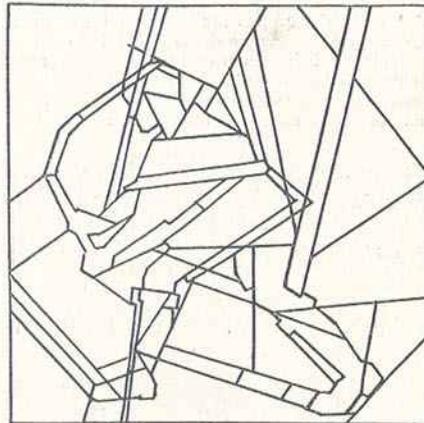
O melhor será ficar **O** com D. p., V. p. e D. c. e **E** com 10 c., 7 c. e 10 o.

N joga Az de paus e conforme as baldas de **E**, assim **S** se baldará fazendo as 3 vasas.

(a) Se **E** não entra no R. o. e joga 5 o.
N — V. c., **E** — 2 c., **S** — A. c., **O** — 3 c.
S joga D. e. e **N** faz seis espadas, ficando no final **N** com 6 c., A. p., 3 p. e 4 o.
S com 10 o., 8 o., R. c. e 9 c. e o melhor será para **E** com 10 c., 7 c., A. o. e 10 o.
O com D. c., 5 c., D. p. e V. p.
N joga A. p., **S** balda-se a 9 c.
N joga 4 o. e firma R. c. e D. o. de **S** cumprindo o meio chelem.

Desenho cúbico

(Passatempo)



Escurecendo com o lápis, certas porções circundantes do desenho ficará sobressaindo a figura de um jogador de «hockey».

O explorador e o número 13

O célebre explorador Wilkins prepara-se, como se sabe, para uma viagem sensacional. Partiu para Leninegrado de onde seguirá para o Polo Norte com uma equipagem que compreenderá, segundo dizem os jornais, «dois engenheiros mecânicos, dois sábios, dois pilotos e um operador de rádio».

Só esqueceram mencionar uma coisa, a qual, na aparência é insignificante, mas somente na aparência, porque a História prova-nos que os grandes homens têm às vezes as suas pequenas manias.

Hubert Wilkins levará, pois, metido num dos seus bolsos, um medalhão tendo nêlo recortado o número «13». Foi à ausência desta *mascolette*, à qual, desde há muito, atribue um poder benéfico, que, segundo ele, deve o ter sido mal sucedido na sua primeira tentativa em 1931.

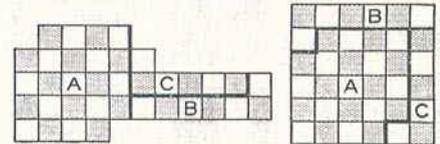
Singular coincidência, o explorador antes de deixar a Inglaterra anunciou que previa treze *étapes* importantes na sua expedição.

PARA O BRASIL

A administração da ILUSTRAÇÃO previne os seus leitores do Brasil de que só devem pagar assinaturas ou publicidade, por intermédio das Livrarias Francisco Alves, H. Antunes, ou Freitas Bastos do Rio de Janeiro, Livrarias Teixeira e Lealdade de S. Paulo, ou ainda por qualquer livreria de reconhecido crédito.

Aproveitamento de oleado

(Solução)



No primeiro diagrama vê-se por onde se fizeram os cortes e no segundo, a forma como depois, foram unidos os pedaços.

O pic-nic

(Solução)

Se o casal Soares bebe $1 + 3 = 4$ garrafas, o casal Ramos $2 + 8 = 10$ garrafas, o casal Sousa $3 + 3 = 6$ garrafas e o casal Neves $4 + 8 = 12$ garrafas, encontrar-se-á a conta das garrafas e neste caso unicamente.

Portanto, os apelidos das senhoras são: Lídia Soares, Suzana Ramos, Alda Souza e Julieta Neves.

A hora de... Greenwich

Os ingleses não hesitam em proclamar que são eles os únicos que possuem a verdadeira hora exacta.

Depois de trabalhos demorados, que duraram mais de cinco anos, inaugurou-se em Greenwich, um novo e ultra-moderno relógio eléctrico, no Observatório.

Trata-se do aparelho mais exacto, até hoje criado, para medir o tempo.

Em sessenta e cinco meses, o relógio teve apenas ... um segundo, um pequenino segundo de atrazo sobre a hora astronómica.

Quem quiser saber as horas certas, é telefonar ... para Greenwich!



Pescadores da Nazaré

(Foto de M.elle Corina d'Almeida Sequeira)



— O que é que o senhor quer, afinal? É a mão de minha filha ou pedir-me dinheiro emprestado?

— Eu digo a V. Ex.ª..., não sei... conforme o que V. Ex.ª preferir...

(Do «Humorist»)

Companhia de Seguros SAGRES

Sinistros pagos até 31-12-1937

Esc. 19.983.462\$61

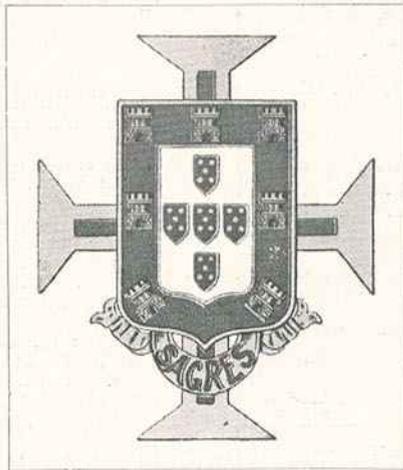
Seguros Acidentes de Trabalho

Seguros de automóveis,
Responsabilidade civil,
todos os riscos

CONSULTEM

A

SAGRES



Capital e reservas em 31-12-1937

Esc. 14.645.207\$83

Seguros Postais, Fogo,
Marítimos, Agrícolas
e Cristais

Seguros de Vida
em todas as modalidades

CONSULTEM

A

SAGRES

Companhia de Seguros SAGRES

RUA DO OURO, 191 — (Edifício próprio) — **Telef. 2 4171**

A Companhia mandará um empregado a quem o solicitar mesmo pelo telefone

À VENDA

A Patologia da Circulação Coronária

**O problema da angina pectoris
O infarto do miocardio
O sindroma de Adams-Stokes**

PELO **DR. EDUARDO COELHO**
Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 págs. no formato 17,5 x 26, em papel couché, profusamente ilustrado, Esc. **25\$00**
Pelo correio à cobrança, Esc. **27\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

Encontra-se quási esgotado o

Almanaque Bertrand

para **1939**

40.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Cordenado por M. FERNANDES COSTA

Único no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de todas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em todas as casas

PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

**UM GROSSO VOLUME DE 384 PÁGINAS,
ILUSTRADO COM 374 GRAVURAS**

Cartonado..... **10\$00**

Encadernado luxuosamente... **18\$00**

Pelo correio à cobrança mais 2\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
Rua Garrett, 73-75 — LISBOA

INTELIGÊNCIA

MENSÁRIO DA OPINIÃO MUNDIAL

Esc. 4\$00

VIVER!

Mensário de Saúde, Fôrça e Beleza

Esc. 4\$00

Livraria Bertrand — Rua Garrett, 73 — LISBOA

À VENDA

AGOSTINHO DE CAMPOS
Da Academia das Ciências de Lisboa

GLOSSÁRIO

DE INCERTEZAS, NOVIDADES, CURIOSIDADES
DA LÍNGUA PORTUGUESA, E TAMBÉM DE
ATROCIDADES DA NOSSA ESCRITA ACTUAL

1 volume brochado 15\$00
Pelo correio à cobrança 16\$50

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

COLECCÃO FAMILIAR P. B.

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nele estão publicadas e serão incluídas sómente obras que, embora se estejam na fantasia e despertem pelo entretido romântico sugestivo interesse, ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma, de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espirito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãe de família, educadora de filhos e eserinio de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

Caminhos da vida
Em volta dum testamento
Pequena rainha
Divida de honra
Casa de família
Entre espinhos e flores
A estátua velada
O grito da consciência
Romance duma herdeira
Pedras vivas
A pupila do coronel
O segredo de um berço
A vila das pombas
O calvário de uma mulher
O anjo do lar
A força do Destino
Batalhas do Amor
Uma mulher ideal
Ilusão perdida

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias
Cada vol. cartonado . . . Esc. 8\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
75, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

1 volume encader. com
351 páginas. 25\$00

DEPOSITÁRIA:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bêbé

A arte de cuidar
do lactante

Tradução de Dr.^a Sára Benoitel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo
volume ilustrado
6\$00

Depositaría:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
— (1.^a edição), 1 vol. br. 15\$00

ALTA RODA — (3.^a edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. 12\$00

AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.^a edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. 12\$00

AO OUVIDO DE M.^{me} X. — (5.^a edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br. 9\$00

ARTE DE AMAR — (3.^a edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. 10\$00

AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.^o milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br. 12\$00

CARTAS DE LONDRES — (2.^a edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. 10\$00

COMO ELAS AMAM — (4.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00

CONTOS — (2.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00

DIALOGOS — (2.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00

DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA Sessão DA ACADEMIA, 1 vol. br. 1\$50

ELES E ELAS — (4.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00

ESPADAS E ROSAS — (5.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00

ETERNO FEMININO — (1.^a edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. 12\$00

EVA — (1.^a edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. 10\$00

FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00

GALOS (OS) DE APOLO — (2.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00

MULHERES — (6.^a edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. 9\$00

HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br. 6\$00

OUTROS TEMPOS — (3.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00

PATRIA PORTUGUESA — (5.^a edição), 1 vol. Enc. 17\$50; br. 12\$50

POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPIRITO — (Conferência), 1 fol. 2\$00

UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. 1\$50

VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17\$00; br. 12\$00

POESIA

NADA — (3.^a edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. 6\$00

SONETOS — (5.^a edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br. 4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELRUCO — (2.^a edição), 1 vol. br. 3\$00

CARLOTA JOAQUINA — (3.^a edição), 1 vol. br. 3\$00

CASTRO (A) — (2.^a edição), br. 3\$00

CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.^a edição), 1 vol. br. 1\$50

CRUCIFICADOS — (3.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00

D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.^a edição), 1 vol. br. 3\$00

D. JOÃO TENÓRIO — (2.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00

D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.^a edição), 1 vol. br. 2\$00

MATER DOLOROSA — (6.^a edição), 1 vol. br. 3\$00

1023 — (3.^a edição), 1 vol. br. 2\$00

O QUE MORREU DE AMOR — (5.^a edição), 1 vol. br. 4\$00

PAÇO DE VEIROS — (3.^a edição), 1 vol. br. 4\$00

PRIMEIRO BEIJO — (5.^a edição), 1 vol. br. 2\$00

REI LEAR — (2.^a edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. 9\$00

REPOSTEIRO VERDE — (3.^a edição), 1 vol. br. 5\$00

ROSAS DE TODO O ANO — (10.^a edição), 1 vol. br. 2\$00

SANTA INQUISIÇÃO — (3.^a edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. 6\$00

SERERA (A) — (5.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00

SOROR MARIANA — (4.^a edição), 1 vol. br. 3\$00

UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00

VIRIATO TRAGICO — (3.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

OBRAS DE JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

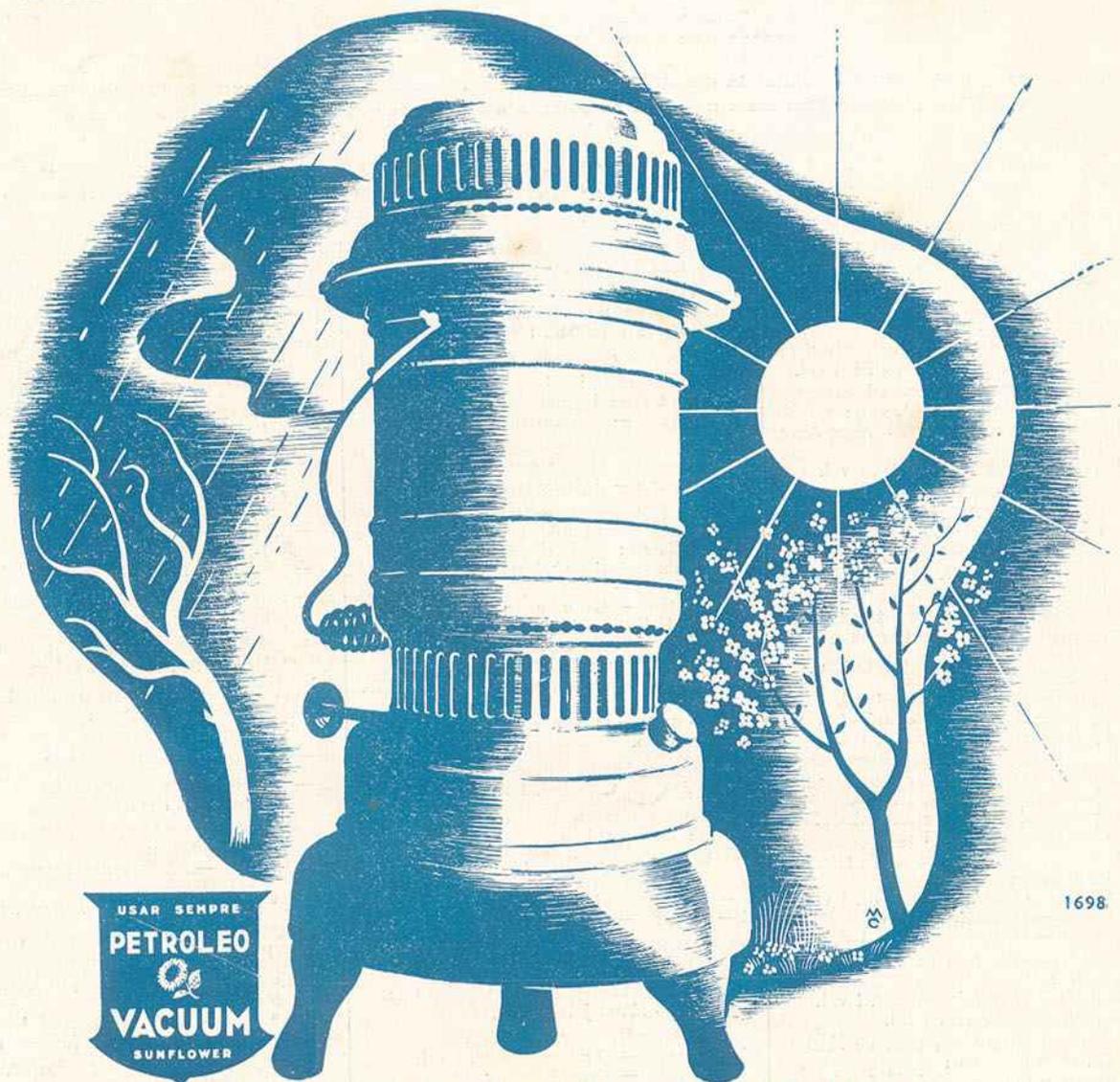
Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versões portuguesas autorizadas pelo autor e editores, feitas pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1 — **Da terra à lua**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos, tradução de Henrique de Macedo. 1 volume.
- 2 — **Á roda da lua**, trad. de Henrique de Macedo. 1 vol.
- 3 — **A volta ao mundo em oitenta dias**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
Aventuras do capitão Hatteras, trad. de Henrique de Macedo:
- 4 — 1.ª parte — **Os ingleses no Polo Norte**. 1 vol.
- 5 — 2.ª parte — **O deserto de gelo**. 1 vol.
- 6 — **Cinco semanas em balão**, trad. do Dr. Francisco Augusto Correia Barata. 1 vol.
- 7 — **Aventuras de três russos e três ingleses**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 8 — **Viagem ao centro da terra**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
Os filhos do capitão Grant, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
- 9 — 1.ª parte — **América do Sul**. 1 vol.
- 10 — 2.ª parte — **Austrália Meridional**. 1 vol.
- 11 — 3.ª parte — **Oceano Pacífico**. 1 vol.
Vinte mil léguas submarinas:
- 12 — 1.ª parte — **O homem das águas**, trad. de Gaspar Borges de Avelar.
- 13 — 2.ª parte — **O fundo do mar**, trad. de Francisco Gomes Moniz. 1 vol.
A ilha misteriosa, trad. de Henrique de Macedo:
- 14 — 1.ª parte — **Os naufragos do ar**. 1 vol.
- 15 — 2.ª parte — **O abandonado**. 1 vol.
- 16 — 3.ª parte — **O segredo da ilha**. 1 vol.
Miguel Strogoff, trad. de Pedro Vidoeira:
- 17 — 1.ª parte — **O correio do Czar**. 1 vol.
- 18 — 2.ª parte — **A invasão**. 1 vol.
O país das peles, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho:
- 19 — 1.ª parte — **O eclipse de 1860**. 1 vol.
- 20 — 2.ª parte — **A ilha errante**. 1 vol.
- 21 — **Uma cidade flutuante**, trad. de Pedro Guilherme dos Santos Denis. 1 vol.
- 22 — **As Índias negras**, trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.
Heitor Servadac, trad. de Xavier da Cunha:
- 23 — 1.ª parte — **O cataclismo cósmico**. 1 vol.
- 24 — 2.ª parte — **Os habitantes do cometa**. 1 vol.
- 25 — **O Doutor Ox**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
Um herói de quinze anos, trad. de Pedro Denis:
- 26 — 1.ª parte — **A viagem fatal**. 1 vol.
- 27 — 2.ª parte — **Na África**. 1 vol.
- 28 — **A galera Chancellor**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 29 — **Os quinhentos milhões da Begun**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
- 30 — **Atribulações de um chinês na China**, trad. de Manuel Maria de Mendonça Balsemão. 1 vol.
A casa a vapor, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
- 31 — 1.ª parte — **A chama errante**. 1 vol.
- 32 — 2.ª parte — **A ressuscitada**. 1 vol.
A jangada, trad. de Pompeu Garrido.
- 33 — 1.ª parte — **O segredo terrível**. 1 vol.
- 34 — 2.ª parte — **A justificação**. 1 vol.
As grandes viagens e os grandes viajantes, trad. de Manuel Pinheiro Chagas:
- 35 — 1.ª parte — **A descoberta da terra**. 1.º vol.
- 36 — 1.ª parte — **A descoberta da terra**. 2.º vol.
- 37 — 2.ª parte — **Os navegadores do século XVIII**. 1.º vol.
- 38 — 2.ª parte — **Os navegadores do século XVIII**. 2.º vol.
- 39 — 3.ª parte — **Os exploradores do século XIX**. 1.º vol.
- 40 — 3.ª parte — **Os exploradores do século XIX**. 2.º vol.
- 41 — **A escola dos Robinsons**, trad. de Assis de Carvalho. 1 vol.
- 42 — **O raio verde**, trad. de Mendonça Balsemão. 1 vol.
Kéran, o Cabeçudo, trad. de Urbano de Castro:
- 43 — 1.ª parte — **De Constantinopla a Scutari**.
- 44 — 2.ª parte — **O regresso**. 1 vol.
- 45 — **A estrela do sul**, trad. de Almeida de Eça. 1 vol.
- 46 — **Os piratas do arquipélago**, trad. de João Maria Jales. 1 vol.
Matias Sandorff:
- 47 — 1.ª parte — **O pombo correio**. 1 vol.
- 48 — 2.ª parte — **Cabo Matifoux**. 1 vol.
- 49 — 3.ª parte — **O passado e o presente**. 1 vol.
- 50 — **O naufrago do «Cynthia»**, trad. de Agostinho Sottomayor. 1 vol.
- 51 — **O bilhete de lotaria n.º 9.672**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
- 52 — **Robur, o Conquistador**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
Norte contra Sul, trad. de Almeida de Eça:
- 53 — 1.ª parte — **O ódio do Texar**. 1 vol.
- 54 — 2.ª parte — **Justiça**. 1 vol.
- 55 — **O caminho da França**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
Dois anos de férias, trad. de Fernandes Costa:
- 56 — 1.ª parte — **A escuna perdida**. 1 vol.
- 57 — 2.ª parte — **A colónia infantil**. 1 vol.
- Família sem nome**, trad. de Lino de Assunção:
- 58 — 1.ª parte — **Os filhos do traidor**. 1 vol.
- 59 — 2.ª parte — **O padre Johann**. 1 vol.
- 60 — **Fora dos eixos**, trad. de Augusto Fuschini. 1 vol.
Cesar Cascabel:
- 61 — 1.ª parte — **A despedida do novo continente**, trad. de Salomão Sáraga. 1 vol.
- 62 — 2.ª parte — **A chegada ao velho mundo**, trad. de Lino de Assunção. 1 vol.
A mulher do capitão Branican, trad. de Silva Pinto:
- 63 — 1.ª parte — **A procura dos naufragos**. 1 vol.
- 64 — 2.ª parte — **Deus dispõe**. 1 vol.
- 65 — **O castelo dos Carpathos**, trad. de Pinheiro Chagas. 1 vol.
- 66 — **Em frente da bandeira**, trad. de Manuel de Macedo. 1 vol.
A ilha de Hélice, trad. de Henrique Lopes de Mendonça:
- 67 — 1.ª parte — **A cidade dos biliões**. 1 vol.
- 68 — 2.ª parte — **Distúrbios no Pacífico**. 1 vol.
- 69 — **Clovis Dardentor**, trad. de Higinio de Mendonça. 1 vol.
A esfinge dos gélos, trad. de Napoleão Toscano:
- 70 — 1.ª parte — **Viagens aos mares austrais**. 1 vol.
- 71 — 2.ª parte — **Lutas de marinheiro**. 1 vol.
- 72 — **A carteira do repórter**, trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.
O soberbo Orenoco, trad. de Anibal de Azevedo:
- 73 — 1.ª parte — **O filho do coronel**. 1 vol.
- 74 — 2.ª parte — **O coronel de Kermor**. 1 vol.
- 75 — **Um drama na Livónia**, trad. de Fernando Correia. 1 vol.
- 76 — **Os naufragos do Jonathan**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 1.º vol.
- 77 — **Os naufragos do Jonathan**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 2.º vol.
- 78 — **A invasão do mar**, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
- 79 — **O farol do cabo do mundo**, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
- 80 — **A Aldeia Aérea**, trad. de José Coelho de Jesus Pacheco. 1 vol.
- 81 — **A Agencia Thompson & C.**, 1.ª parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.
- 82 — **A Agencia Thompson & C.**, 2.ª parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — R. Garrett, 73-75 — LISBOA

INVERNO ... PRIMAVERIL



1698

Um inverno ameno é sempre possível passar... em casa, graças ao Calorífero Vacuum. O Calorífero "Vacuum 99", provido de um sistema de gasificação especial, fornece maior ou menor quantidade de calor, conforme as necessidades.

Compre um Calorífero "Vacuum 99". Expulse o inverno de sua casa.

CALORÍFEROS VACUUM 99

Só são Caloríferos Vacuum aqueles que tem gravada a marca Vacuum.

V A C U U M O I L C O M P A N Y